



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL
MESTRADO EM PSICOLOGIA**

**METAS DE SOCIALIZAÇÃO E PRÁTICAS PARENTAIS EM FAMÍLIAS COM
DIFERENTE NÚMERO DE FILHOS**

Karla Alves Carlos

**JOÃO PESSOA – PB
MARÇO - 2012**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL
MESTRADO EM PSICOLOGIA**

**METAS DE SOCIALIZAÇÃO E PRÁTICAS PARENTAIS EM FAMÍLIAS COM
DIFERENTE NÚMERO DE FILHOS**

Karla Alves Carlos

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado
em Psicologia Social da Universidade Federal da
Paraíba, como requisito para obtenção do título de
Mestre em Psicologia.

**JOÃO PESSOA – PB
MARÇO – 2012**

C284m Carlos, Karla Alves.

Metas de socialização e práticas parentais em famílias com diferente número de filhos/ Karla Alves Carlos. - - João Pessoa: [s.n.], 2012.

121f. : il.

Orientadora: Nádia Maria Ribeiro Salomão.
Dissertação (Mestrado)-UFPB/CCHLA.

1. Psicologia social. 2. Metas de socialização. 3. Práticas parentais. 4. Família. 5. Número de filhos.

UFPB/BC

CDU: 316.6(043)

**METAS DE SOCIALIZAÇÃO E PRÁTICAS PARENTAIS EM FAMÍLIAS COM
DIFERENTE NÚMERO DE FILHOS**

Banca Avaliadora:

Nádia Ribeiro Salomão

Prof^a. Dr^a. Nádia Maria Ribeiro Salomão
(UFPB, *Orientadora*)

Patrícia Nunes da Fonseca

Prof^a. Dr^a. Patrícia Nunes da Fonseca
(UFPB, *Membro Interno*)

Angela Elizabeth Lapa Coelho

Prof^a. Dr^a. Angela Elizabeth Lapa Coelho
(UNIPE, *Membro Externo*)

“A infância tem suas próprias maneiras de ver, pensar e agir.

Nada mais insensato que pretender substituí-las pelas nossas.”

J. J. Rosseau

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, Elizabete e Antonio, que colocaram minha educação desde a infância em primeiro lugar. Eles sempre me ensinaram a não desistir e que a persistência, o esforço e a dedicação podem nos levar aos feitos que almejamos.

AGRADECIMENTOS

À meus pais, Antonio e Elizabete, fontes incondicionais de carinho, amor, dedicação e sempre presentes em todas as etapas da minha vida.

Ao meu amado Gio, amigo e noivo, parceiro de todas as horas e ocasiões, pelo apoio, torcida, carinho, dedicação, sempre pronto para me fazer rir, segurar minha mão, acalmar meu nervosismo e disponibilizar um belo abraço em qualquer momento.

À minha sogra, Adelaide, pela compreensão, carinho e apoio na produção deste trabalho.

À professora Nádia Salomão, pela amizade construída durante a realização deste trabalho, uma orientadora no sentido mais completo da palavra, que mais do que direcionar e orientar este trabalho, também contribuiu para minha formação profissional e pessoal. Por isso, agradeço a ela pela sua inestimável confiança em mim depositada e pelos conselhos e ensinamentos em conjunto com todos que integram o NEISDI.

Aos professores Bernardino Calvo, Patrícia Fonseca e Angela Côelho pela disposição e pelas enormes contribuições para este trabalho como leitores.

Agradeço à Mayara, Fernanda, Cláudia, Yonara, Wilson, Suellen e Talita, pelos estudos juntos e pelas partilhas em grupo, tanto das risadas, quanto das dificuldades de se cursar o mestrado. Sem esquecer de Janaína, uma amizade construída e solidificada no percurso desta pós-graduação.

À minha prima Ana Maria, sempre pronta a apoiar e ajudar a qualquer momento.

Às mães e amigos que diretamente ou indiretamente contribuíram para a coleta de dados e produção desta pesquisa, sem eles este trabalho não teria sido realizado.

À Técia, Edmilson, Jaqueline, padrinhos e incentivadores do meu crescimento.

À Clênia, professora e amiga, que desde a graduação acompanhou, incentivou e reconheceu o meu potencial.

À Capes, pelo auxílio financeiro.

E principalmente à Deus, fonte de vida e por todas as bênçãos presentes nela.

Carlos, K. A. (2012). *Metas de socialização e práticas parentais em famílias com diferente número de filhos*. Dissertação de Mestrado. 121pp. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Brazil.

RESUMO

As metas de socialização e as práticas educativas utilizadas pelos pais têm importante influência nas interações que são estabelecidas e consequentemente no desenvolvimento infantil. O objetivo deste trabalho consistiu em investigar as Metas de Socialização e as Práticas Parentais Educativas em famílias com filho único e famílias com dois a três filhos através do relato materno. Participaram deste estudo 41 mães, de nível sócio-econômico médio, casadas/conviventes com ao menos ensino médio completo, com 1 a 3 filhos, estes entre 4 anos e meio a 7 anos de idade, residentes na cidade de João Pessoa-PB. Foram aplicadas uma entrevista semi-estruturada sobre Metas de Socialização, um Inventário de Práticas Parentais e um Questionário Sócio-demográfico para caracterização das mães. Os dados foram tratados de forma a comparar os resultados dos dois grupos de mães e destacaram a importância do nível educacional da mãe para a educação proporcionada a prole. Os resultados revelaram que não existe diferença significativa estatisticamente entre os dois grupos de mães que apresentam médias menores entre as mães de filho único e dois e três filhos no instrumento de práticas parentais no envolvimento social e de responsabilidade. Na entrevista sobre metas de socialização a diferença foi indicada pela frequência superior em subcategorias no grupo de mães de filho único relacionadas aos aspectos sociais e de responsabilidade dos pais para com os filhos. Enfatiza-se que, apesar da literatura apontar que o pai está mais participativo, ainda é atribuída à mãe a maior parte da responsabilidade e referência para a educação das crianças. As influências para a educação dos filhos independem do tamanho da família e não ocorre de forma unilateral, sendo influenciadas pela ordem de nascimento, gênero, personalidade, idade e características da criança, etc. bem como, das redes de apoio para o cuidado dos filhos, como as avós. Desse modo as atitudes e decisões educacionais são tomadas de forma individual para cada criança, independentemente do número de filhos.

PALAVRAS-CHAVE: Metas de Socialização, Práticas Parentais, Família, Número de Filhos.

Carlos, K. A. (2012). *Socialization goals and parental practices in families with different number of children*. 121pp. Master's Thesis. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Brazil.

ABSTRACT

The socialization goals and educational practices used by parents have an important influence on interactions that are established and consequently on child development. The objective of this study is to investigate the Socialization's Goals and Parental Educational Practices in families with one child and families with two or three children. The study included 41 mothers of medium socio-economic status, married or cohabiting, with at least secondary education, with one or two or three children, living in the city of João Pessoa. We applied a semi-structured interview related to Socialization's Goals, a Parental Practices Inventory and a questionnaire for socio-demographic characteristics. The data were treated to compare the results of both groups of mothers and highlighted the importance of educational level of the mother to offspring education provided. The results showed there is no statistically significant difference between the two groups of mothers who have lower average among mothers with one child and two and three children in the instrument of parental practices in social involvement and responsibility. In an interview about socialization goals the difference was indicated by the higher frequency sub-group of only-child mother related to social aspects and responsibilities of parents towards their children. It is emphasized that, despite the literature pointing out that the father is more involved, it is still attributed to the mother most of the responsibility and reference for the children's education. The influences for their children's education are independent of family size and do not occur unilaterally, being influenced by the child's birth order, gender, personality, age, and other characteristics as well as support networks for children care, such as grandparents. Thus the attitudes and educational decisions are made individually for each child, regardless of the number of children.

KEYWORDS: Socialization Goals, Parenting Practices, Family, Number of Children.

Sumário

Dedicatória.....	v
Agradecimentos.....	vi
Resumo.....	vii
Abstract.....	viii
Sumário.....	10
Lista de tabelas	12
Lista de apêndices.....	13
Lista de anexos	14
Introdução	15
1. O modelo bioecológico de Bronfenbrenner.....	22
2. Família: conceito e estrutura.....	28
3. Socialização e metas de socialização.....	38
4. Práticas educativas parentais	46
5. Objetivos	52
5.1. Objetivo Geral.....	52
5.2. Objetivos Específicos.....	52
6. Método	53
6.1. Participantes.....	53
6.2. Instrumentos.....	54
6.3. Procedimentos e Análise dos Dados	56
6.3. Definição das Categorias de Estudo	59

6.3.1. Definição das categorias relacionadas às verbalizações maternas.....	60
7. Resultados e Discussão.....	70
7.1. Análise do questionário sócio demográfico	70
7.2. Inventário de Práticas Parentais	78
7.3. Análise da entrevista sobre Metas de Socialização.....	84
8. Considerações finais	100
9. Referências.....	103
APÊNDICES	113
ANEXOS	121

LISTA DE TABELAS

Tabela 1:	Caracterização das Mães Participantes.....	71
Tabela 2:	Inten��o das mães de ter mais filhos.....	72
Tabela 3:	Nível de Escolaridade do Pai.....	73
Tabela 4:	Renda familiar.....	74
Tabela 5:	Diferenças entre as Médias das Mães de filho único e mais filhos através do Teste Mann-Whitney em rela��o ao item.....	79
Tabela 6:	Diferenças entre as Médias por tipos de Envolvimento na educa��o proporcionadas pelas Mães de filho único e mais filhos através do Teste Mann-Whitney.....	81
Tabela 7:	Categoria 1 – Qualidades Esperadas Pelas Mães de Filho ��nico.....	85
Tabela 8:	Categoria 1 – Qualidades Esperadas Pelas Mães de Dois e Três Filhos....	85
Tabela 9:	Categoria 2 – Métodos para Desenvolver as Qualidades Esperadas Pelas Mães de Filho ��nico.....	89
Tabela 10:	Categoria 2 - Métodos para Desenvolver as Qualidades Esperadas Pelas Mães de Dois a Três Filhos.....	89
Tabela 11:	Categoria 3 – Como os pais de filhos únicos decidem sobre a educa��o de seus filhos.....	91
Tabela 12:	Categoria 3 – Como os pais de dois a três filhos decidem sobre a educa��o de sua prole.....	92
Tabela 13:	Categoria 4 – Como os pais de filhos únicos participam da educa��o do filho(a).....	95
Tabela 14:	Categoria 4 – Como os pais de dois a três filhos participam da educa��o dos filhos(as).....	95

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO SÓCIO-DEMOGRÁFICO

APÊNDICE B: INVENTÁRIO DE PRÁTICAS PARENTAIS

APÊNDICE C: ENTREVISTA SOBRE METAS DE SOCIALIZAÇÃO

APÊNDICE D: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

LISTA DE ANEXOS

ANEXO: CERTIDÃO DO COMITÊ DE ÉTICA

Introdução

O estilo de vida na atualidade tem exigido dos pais tentarem conciliar a rotina de trabalho fora e dentro de casa, o que tem afetado a rotina e consequentemente a educação dos filhos. Essas mudanças ocorrem principalmente pela maior inserção da mulher no mercado de trabalho, e assim, uma exigência cada vez maior da participação do pai na tarefa familiar de cuidado dos filhos (Keller, 1998, 2007), dividindo com a mãe muitas vezes até mesmo as tarefas domésticas. Os pais têm tido cada vez mais o seu papel reconhecido não limitado ao apoio financeiro, ou na disciplina dos filhos mais velhos, mas também no cuidado básico dos bebês e crianças pequenas.

Na América Latina e mais especificamente no Brasil, pesquisas como a de Prado, Piovanotti e Vieira (2007) e Braz, Dessen e Silva (2005), têm mostrado que, embora a concepção sobre o papel do pai tenha sido ampliada com uma maior demonstração de afeto com toda a família e participação do mesmo na educação e socialização dos filhos, o modelo tradicional de paternidade, ou seja, do pai provedor, continua persistindo na realidade brasileira, demonstrando a importância ainda vigente do papel da mãe nas práticas educativas dos filhos. Esse aspecto também foi corroborado no estudo de Diniz e Salomão (2010), no qual os cuidados aos filhos ainda são particularmente atribuídos às mães, sugerindo que a promoção de amor e carinho sejam mais relacionados à maternidade. Desse modo, para entender como essa tendência cultural atual – em que percebemos uma maior participação paterna no auxílio à mãe na divisão de tarefas domésticas e cuidados com os filhos – tem se demonstrado vital para as influências na interação mãe-criança (Crepaldi, Andreani, Hammes, Ristof & Abreu, 2006), deve-se destacar a forma como esta mãe tem percebido e vivenciado este fato.

O papel dos pais, portanto, tem tido cada vez mais reconhecimento não somente na família como na sociedade, contudo, constata-se que as mães, enquanto cuidadoras primárias, gastam mais tempo disponível com a criança, e assim tornam-se mais sensíveis às necessidades dos seus filhos, conforme Keller (1998). Nesse contexto, ressaltamos a importância da participação de ambos os pais na criação dos filhos. A qualidade da relação entre pais e filhos é extremamente decisiva no desenvolvimento infantil (Bolsoni-Silva, Maturano, Pereira & Manfrinato, 2006; Cia, Pereira, Del Prette & Del Prette, 2007; Salvo, Silvares & Toni, 2005).

A interação parental e as práticas educativas utilizadas pelos pais têm influência no desenvolvimento das crianças e a literatura específica aponta a existência de duas dimensões distintas na interação entre pais e filhos, sendo estas as práticas educativas e os estilos parentais. As práticas educativas são referentes às estratégias utilizadas para atingir objetivos específicos em diferentes domínios, sejam estes, acadêmico, social e/ou afetivo, dentro de determinadas circunstâncias e contextos, como por exemplo, o uso de recompensas ou punições. Já o estilo parental é um padrão global de características da interação dos pais e filhos em inúmeras situações. Estas então são as responsáveis pela criação de um clima emocional na família (Cecconello, Antoni & Koller, 2003). É importante compreender estas diferenças para contextualizar o estudo da educação que os pais aplicam a seus filhos e a forma que as aplicam e assim compreender qual é o seu resultado no comportamento dos filhos.

Através das estratégias disciplinares específicas, ou seja, das práticas parentais educativas, os pais promovem os comportamentos sociais moralmente desejáveis e procuram reduzir ou extinguir os comportamentos inadequados de seus filhos (Pacheco, Silveira & Schneider, 2008). As práticas parentais que podem ser classificadas como negativas são aquelas com comportamento por parte dos pais para os filhos de negligência, abuso físico e

psicológico, disciplina relaxada, punição inconsistente e monitoria estressante. Quanto às práticas educativas positivas, pode-se destacar o monitoramento positivo e o comportamento moral (Gomide 2006, 2007; Salvo et al., 2005).

A socialização da criança ocorre a partir de seu nascimento e de seu contato com os pais, através das experiências destes com os filhos. Este processo de socialização ocorre de forma bidirecional, no qual tanto a criança é influenciada pelos pais, quanto os pais também são influenciados pelos comportamentos da criança, a partir da interação entre eles (Cole & Cole, 2004). Destaca-se que o processo de socialização é responsável pela adoção, por parte das crianças, de concepções, sentimentos e comportamentos adequados aos seus papéis específicos enquanto filhos. Mesmo que as diferentes culturas influenciem nessa especificidade, a socialização da criança é refletida nos valores sociais locais. Dessa forma, a elaboração das metas e das estratégias de socialização dos pais é refletida na criação dos filhos, com destaque para o nível educacional e a ocupação profissional dos genitores. As diferenças sociais, culturais e econômicas destes, e consequentemente essas características, determinam o tipo de meta e estratégia de socialização desejada para o futuro da prole.

As metas parentais são as qualidades que os progenitores desejam ver seus filhos desenvolverem ou demonstrarem em certas situações (Schulze, Harwood, & Schoelmerich, 2001). Assim, as aprendizagens realizadas no ambiente familiar, com destaque para as relações com os pais e entre irmãos – já que as gestações entre eles são comumente próximas – ou inclusive a ausência destes, determinarão em grande parte, de acordo Fernandes, Alarcão e Raposo (2007), as relações sociais posteriores das crianças. O número de filhos também será fator de influência para o estabelecimento do modelo de socialização proporcionado pelos pais.

Hanushek (1992) destaca que o tamanho da família afeta diretamente a realização das crianças, seja na educação familiar e/ou formal. O autor indica que apesar dos pais não

mostrarem favoritismo com relação aos primogênitos, a ordem de nascimento e a inserção da criança em uma família pequena implica em uma vantagem distinta na qualidade da educação e consequentemente no desempenho escolar, onde cada irmão enfrenta uma interação diferente com os pais. Além disso, dependendo do espaçamento das gestações, haverá uma variação ainda maior com relação ao ingresso na escola e à educação escolar de cada criança, o que implicará em mais um acompanhamento diferenciado dos pais. Observa-se assim, que uma parte importante da família são os irmãos, ou a ausência deles no caso dos filhos únicos, posto que é no contexto parental que são estabelecidos os primeiros modelos relacionais. Portanto, como citam Fernandes et al. (2007), espera-se que haja uma diferença na socialização dos filhos em relação ao número da prole e até mesmo nas práticas dos pais, já que para estes autores as relações entre irmãos são as mais duradoras em relação ao tempo, por interagirem na casa, na escola, nas atividades em família e etc. Para estes autores é esta relação interna na família a base no estabelecimento das relações fora do núcleo familiar. Este é um ponto de referência importante para a análise da diferença entre a socialização daqueles que possuem irmãos dos filhos únicos.

Estudos acerca dos filhos únicos (Fernandes et al., 2007; Tavares, Fuchs, Diligenti, Abreu, Rohde & Fuchs, 2004), em comparação às crianças com irmãos, indicam que eles recebem excessiva atenção, tornando-se exigentes, temperamentais, dependentes e com amadurecimento precoce pela ausência de irmãos para conviver. Contudo, apesar das diferenças quanto à socialização, o estudo de Tavares et. al, (2004), não confirma as características do filho único citado, e sugere que eles podem apresentar vantagens relacionadas à inteligência e ao desempenho acadêmico em virtude do acompanhamento específico dos pais. Outro destaque está para o fato de que os filhos únicos apresentam traços similares aos dos filhos primogênitos e devido à qualidade da interação com os pais

apresentam maior auto-estima por não a disputarem com outros irmãos, como citam os autores supracitados.

Apesar da ordem de nascimento ter sido amplamente estudada por pesquisadores, os estudos acerca do desenvolvimento infantil, comparando a condição de serem filhos únicos ou terem irmãos, receberam menos atenção pelos estudiosos em relação ao número de trabalhos publicados, embora estes trabalhos enfoquem mais o desenvolvimento da personalidade (Tavares et al., 2004) e não os aspectos educativos e socializadores, que é o foco deste trabalho.

Com um maior número de filhos, o grupo familiar influencia na socialização em virtude dos níveis de intimidade e de comunicação variarem e se diluírem conforme maior for tamanho da prole. Os recursos das relações sociais na família tornam-se assim diferenciados, levando a oportunidades educacionais também diferentes (Coleman, 1988). Vale salientar que o nascimento do segundo filho influencia no desenvolvimento da família e caracteriza a expansão do sistema familiar. Por ter o casal uma determinada carga de experiência com um filho anterior, o processo de nascimento do segundo filho é qualitativamente diferente do processo de nascimento do primeiro (Dessen, 1984, 1985, 1997; Pereira & Piccinini, 2007). Contudo, como cita Keller (1998), é a figura materna que independentemente da cultura e do tamanho do grupo, a quem é atribuída a imagem de figura mais significativa no cuidado das crianças, em especial nos primeiros anos de vida, que serão base para a educação e socialização da criança.

Neste contexto, onde a família é um forte agente educador e socializador, apesar de não ser o único, este estudo pretende investigar quais são as Práticas Parentais e as Metas de Socialização em famílias com filho único e famílias com dois a três filhos a partir do relato das mães, que revelarão como elas desenvolvem e decidem a educação e socialização de seus

filhos, bem como investigar a ocorrência da interação e da participação de seus cônjuges nesta importante tarefa.

Os objetos de análise específicos deste trabalho são as metas e as estratégias de socialização, as práticas educativas utilizadas pelos pais e como estes decidem educar seus filhos com relação ao número de filhos. Espera-se que haja diferenças entre as metas e estratégias de socialização e as práticas educativas parentais nos diferentes contextos que são estabelecidos no ambiente familiar, pelos diferentes números de filhos. Além disso, as expectativas em relação aos filhos devem ser diferentes pela experiência anterior dos pais no caso de já terem ao menos o primogênito.

A base para esta pesquisa é a perspectiva do modelo bioecológico de Bronfenbrenner (1996), que considera o desenvolvimento humano como “um conjunto de processos por meio dos quais as propriedades do indivíduo e do ambiente interagem e produzem continuidades e mudanças nas características da pessoa e no seu curso de vida” (p.191). Assim, o desenvolvimento humano é uma reorganização contínua dentro da unidade tempo-espacó, atuando nas ações, percepções, interações e atividades do indivíduo com o seu mundo, estimulando ou inibindo as interações com todos aqueles que participam de seu ambiente. Desse modo, essa perspectiva será útil para compreender o ambiente e como as interações são estabelecidas, observando em diversas famílias suas semelhanças e diferenças com relação às metas de socialização e práticas educativas onde os filhos possuem ou não irmãos.

Com este trabalho, portanto, pretende-se compreender as práticas parentais educativas – suas semelhanças e diferenças – e como ocorre o processo de socialização especificamente no contexto da condição familiar de existência de filho único ou mais filhos, considerando a tendência ao aumento de filhos únicos (Fernandes et al., 2007). As análises exploradas neste estudo pretendem contribuir para a reflexão da temática do desenvolvimento infantil através

da produção de uma literatura acadêmica mais específica, haja vista de que os estudos desta temática estejam mais vinculados à pesquisas na faixa etária da adolescência.

1. O modelo bioecológico de Bronfenbrenner

Para Bronfenbrenner (1996), o desenvolvimento é tido como uma acomodação progressiva e mútua entre o organismo humano em desenvolvimento e as mudanças imediatas do ambiente no qual ele vive durante toda a sua vida e ao longo das gerações. Esse modelo bioecológico considera o desenvolvimento como uma representação de uma transformação que ocorre no indivíduo, algo que não é passageiro ou relacionado apenas a uma específica situação ou contexto, como citam Dessen e Costa Júnior (2005). Dessa forma, o desenvolvimento humano é uma reorganização que procede de maneira contínua no tempo, ocorrendo das mais diversas maneiras e níveis: nas ações, nas atividades e interações, nas percepções das pessoas em relação ao mundo que as cerca. O desenvolvimento humano é estimulado ou inibido pelas pessoas que fazem parte dessa interação a partir da família, onde cada membro possui o seu papel (pai, mãe, tios, avós), de participação e engajamento em diferentes ambientes (casa, creche), com repertórios ímpares para cada um deles.

Portanto, para compreender o desenvolvimento de uma pessoa, é necessário entender que ela é afetada pelas relações que ocorrem ao seu redor diretamente ou indiretamente, bem como nos contextos sociais mais amplos, sejam eles formais e/ou informais. Em seu modelo, o ambiente ecológico (Bronfenbrenner, 1996) é concebido em estruturas, cada uma delas contidas em estruturas maiores: o **microssistema**, considerado como a relação entre a pessoa em desenvolvimento e o ambiente imediato no qual ela está inserida como a família, escola, trabalho; o **mesossistema**, que é constituído pelas inter-relações entre os cenários principais nos quais o individuo em desenvolvimento participa como nas relações entre a família e a escola; o **exossistema**, que são as estruturas sociais especificamente, formais e informais, que têm efeitos sobre os cenários imediatos da pessoa em desenvolvimento, influindo,

demarcando e até mesmo determinando o que acontece. Aqui cabe exemplificar o caso das instituições da sociedade que operam em um lugar concreto; o **macrossistema**, formado pelos protótipos gerais de uma cultura e sub-cultura que constituem o padrão das estruturas e atividades em um determinado nível, como os sistemas políticos, sociais e econômicos; e o **cronossistema**, uma ênfase no tempo que abarca o sentido ao processo microgenético de interação que acontece entre o indivíduo em desenvolvimento e àquelas pessoas com quem se convive diariamente e ao tempo-histórico, onde os sistemas culturais são estruturados pelas mudanças ambientais, sejam elas positivas ou negativas.

O estudo do desenvolvimento humano necessita ultrapassar a observação do comportamento de uma ou duas pessoas que convivem juntas na mesma residência, incluindo os múltiplos sistemas de pessoas que interagem em diferentes cenários, levando em conta os aspectos do ambiente e das situações imediatas. Assim, a dimensão temporal do desenvolvimento também é considerada no modelo bioecológico (Bronfenbrenner, 1977, 1996; Bronfenbrenner & Morris, 1998), agregando tanto os eventos históricos, que retratam as mudanças sociais na qual a pessoa está inclusa, como também suas próprias mudanças ao longo de sua vida.

Vale ressaltar que Bronfenbrenner tem como um de seus principais pressupostos a bidirecionalidade no desenvolvimento humano. Dessen e Costa Júnior (2005), Diniz e Salomão (2007), Koller (2004) e Peregrino (2006), citam que ela assegura a interdependência e a influência mútua entre o indivíduo e seu ambiente, que ocorrem por meio das relações interpessoais e do intercâmbio, e em todo o momento entre os contextos de desenvolvimento que são fornecidos à criança pela socialização que ela encontra no ambiente familiar.

A díade constitui a unidade mínima de interação interpessoal no modelo bioecológico de Bronfenbrenner. Nesse contexto, Dessen e Costa Jr (2005) dividem a díade em observacional, de atividade e primária. A díade observacional é caracterizada como o próprio

nome cita como por uma observação cuidadosa e continuada de que o outro participante da diáde está executando. Já a diáde de atividade tem em suas características a realização conjunta de alguma atividade entre dois participantes. Por último, a diáde primária representa aquela que continua a existir mesmo quando os parceiros não estão juntos, mas os sentimentos gerados pelos participantes ainda influenciam o comportamento um do outro.

A influência mútua entre o indivíduo e seu ambiente – como no caso de uma criança e sua família – ocorre por meio das relações interpessoais e das trocas permanentes entre as diádes e os contextos de desenvolvimento, e estão citadas dentro do papel da bidirecionalidade no desenvolvimento do ser humano (Bronfenbrenner, 1977; 1996; Peregrino, 2006). Este modelo resgata o papel ativo, interativo e de protagonista do indivíduo como um agente que proporciona mudanças, considera o núcleo do processo e rompe com as premissas em que um sujeito apenas está recebendo as influências que são advindas do seu ambiente. Dessen e Costa Jr. (2005), bem como o próprio Bronfenbrenner (1977, 1996), citam os pressupostos básicos que orientam a construção deste modelo, descritos em sequência:

- O ambiente ecológico é tido como um conjunto de estruturas concêntricas, onde cada uma abarca de forma progressiva a outra. Estas estruturas são as já definidas anteriormente como micro, meso, exo, macro e cronossistema. São os arranjos estabelecidos entre eles que definem e asseguram a compreensão do ambiente que está mais diretamente ligado ao sujeito, ou mais próximo dele (micro – família, amigos, vizinhos), até o mais distante (macro – políticas públicas, sistema econômico, globalização);
- A transição ecológica é aquela que ocorre quando há uma mudança na posição do indivíduo em seu ambiente ecológico, como a própria chegada de mais um filho na família. Em decorrência dessa mudança de papéis e de *status*, todo o

sistema e ambiente familiar são mudados. Ainda há o caso da combinação desses fatores citados, que possuem implicações efetivas para o estímulo aos processos evolutivos da pessoa. Bronfenbrenner (1996) enfatiza que a transição ecológica é tanto uma consequência de mudanças como uma promotora de processos que ocorrem no desenvolvimento;

- A validade ecológica é referente à extensão a qual a pessoa em desenvolvimento experimenta o seu ambiente, considerando as propriedades ou condições específicas resultantes das hipóteses levantadas pelo pesquisador em um estudo acadêmico. Assim, a validade ecológica sustenta alguns preceitos importantes para o planejamento e a realização da pesquisa, à medida que leva em conta como a pessoa em desenvolvimento percebe a si própria na situação, interagindo com as condições presumidas ou desejadas pelo pesquisador;
- Baseadas nas mudanças de concepções, atividades ou padrões interativos da pessoa encontra-se a validade de desenvolvimento, que possui uma repercussão em outros ambientes e momentos da vida como a entrada no mercado de trabalho, a escolha profissional, a perda de cônjuges ou a aposentadoria;
- O experimento psicológico é o aspecto descrito por Bronfenbrenner como aquele que investiga as relações progressivas entre o organismo humano em evolução e o seu ambiente, observando-se as acomodações e a complexidade estabelecida ao considerar mais de um nível do contexto além de seus componentes estruturais. A preocupação básica neste tópico direciona-se à tentativa de cuidado de controlar as diversas influências exercidas nessa dinâmica;

- Um experimento transformador é aquele que retrata a alteração e a reestruturação sistemática de sistemas ecológicos existentes, de maneira que desafiem as formas de organização social, o sistema de concepções e estilo de vida dominante numa determinada cultura ou subcultura;
- E finalmente a pesquisa ecológica, que contém propriedades pertinentes à pessoa e ao seu ambiente, ou seja, a estrutura dos contextos ambientais e os processos interligados que são vistos como independentes e investigados de maneira sistêmica.

O modelo de Bronfenbrenner destaca a pessoa e as características propulsoras do desenvolvimento (Bronfenbrenner & Morris, 1998; Dessen & Costa Jr, 2005). Um dos componentes da estrutura desse modelo que se ampliou foi a noção de pessoa, que passou a retratar não somente as características ímpares de cada um, mas também as características que crescem e se modificam pelo desenvolvimento, expressas na subjetividade e considerando as concepções, os valores, o nível de atividade, os traços de personalidade, o temperamento, as metas de vida e as modificações, assim como outros.

Segundo Prado et al. (2007), o modo como a relação entre pai e mãe é percebida mutuamente, é refletida na interação da família e no seu cotidiano, influenciando e implicando no tipo de cuidado recebido pelas crianças. O ajustamento conjugal, as formas de comunicação e as estratégias de resolução de conflitos empregadas pelo casal influenciam o desenvolvimento de padrões de cuidado dos filhos e a qualidade das relações entre os genitores e suas crianças (Braz et al., 2005).

Para Braz e Salomão (2002), Dessen (1985) e Diniz e Salomão (2010), a importância não é compreender a influência do pai e da mãe sobre a criança e sim das características da influência mútua do pai, da mãe e da criança na interação entre eles. Essa relevância está na contribuição de ambos os genitores para o desenvolvimento psicológico de seus filhos e do

mesmo modo, são afetivamente importantes, como Easterbrooks e Gooldberg (1984) afirmaram em seu estudo, informando que a participação efetiva do pai e seu envolvimento na criação dos filhos aperfeiçoam o desenvolvimento infantil, ainda mais quando este acompanhamento é feito tanto pelo pai quanto pela mãe, que trazem para a criação dos filhos suas características pessoais e únicas no desempenho do seu papel enquanto pai e mãe individualmente. Essa participação da diáde, conforme colocado por Braz e Salomão (2002), Diniz e Salomão (2010) e Koller (2004), contribuirá para o desenvolvimento da socialização de seus filhos, podendo modificar-se de acordo com as idades das crianças, o que pode ser observado na diferença entre os pais no próprio tratamento e práticas educativas de meninos e meninas.

A própria qualidade da interação entre pais e filhos é fator de destaque para o surgimento de respostas comportamentais de diversas formas no desenvolvimento das crianças. Aqui se destacam as respostas socialmente habilidosas por parte dos pais, pois são aquelas que favorecem os comportamentos desejáveis das crianças, sendo estes o reflexo da educação proporcionada pelos pais (Dell Prette & Dell Prette, 2005, 2009). Desse modo, destaca-se o papel fundamental da criação dos pais para o desenvolvimento pró-social dos filhos que será considerado na sequência deste trabalho, com destaque para a própria família, ambiente no qual essas interações ocorrem.

2. Família: conceito e estrutura

A família é uma das instituições sociais básicas, constituídas através das relações de parentesco cultural e são historicamente determinadas. As ciências sociais apontam a família como o elemento-chave não apenas para salvaguardar a sobrevivência dos indivíduos, mas também para a socialização e proteção de seus integrantes, com a transmissão da cultura, do capital econômico e dos bens familiares, bem como das relações de gênero e de solidariedade entre as diferentes gerações (Carvalho & Almeida, 2003). Neste sentido, a família é entendida como um microssistema, onde ocorrem as primeiras interações da criança, em especial a relação entre mãe-criança. Deste momento em diante, estas relações vão se expandindo dentro do grupo familiar, formando vários subsistemas, como as relações pai-criança e/ou entre os irmãos. São estas interações e relações didáticas, principalmente mediadas pelo afeto segundo Bronfenbrenner (1996), que fornecem ao indivíduo o desenvolvimento necessário para as relações em sociedade.

Apesar da idéia do ambiente familiar continuar como o ambiente que propicia o desenvolvimento dos filhos, a estrutura familiar tem se modificado, demonstrando uma diminuição progressiva no tamanho médio das famílias, ocorrendo um aumento das famílias com apenas um filho (Tavares et al., 2004). Os mesmos autores apontam que este fato tem ocorrido devido à queda na taxa de fecundidade tanto no Brasil quanto em outros países, como um reflexo das mudanças na sociedade e principalmente em relação ao papel da mulher que tem adiado a experiência da maternidade, priorizando primeiramente outros interesses que não estão diretamente ligados ao lar. A percepção da maternidade como geradora de grandes custos para sua vida, sejam eles problemas ligados à saúde, ao tempo, aos gastos

financeiros, à ausência ou pouca participação dos homens na criação dos filhos, entre outros, também colaboram para o adiamento da maternidade, como citam Borlot e Trindade (2004).

A última publicação disponibilizada da Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde de 2006 (PNDS-2006), financiada pelo Ministério da Saúde, revela que a queda na taxa de fecundidade entre as mulheres nordestinas caiu de 3,1 filhos para 1,8 filhos por mulher entre 1996 e 2006. No Brasil, Collucci (2000), cita uma pesquisa da Empresa Maplan, executada no ano de 1998 em nove capitais brasileiras, onde em uma década, a proporção de mulheres que têm filhos entre 30 e 44 anos de idade aumentou de 30% para 40%. O comportamento das mulheres em relação à maternidade, portanto, já tem sofrido mudanças, sendo frequente a opção por menos filhos e o adiamento da gravidez. Esta tendência também foi confirmada nos Estados Unidos, onde nos últimos dez anos a gravidez após os trinta e cinco anos cresceu 84% (Borlot & Trindade, 2004). A maternidade tanto no contexto nacional como internacional tem sofrido mudanças, demonstrando a necessidade de novos estudos, tendo em vista todas as mudanças sociais na família.

Essas mudanças têm modificado a estrutura da família, mas a importância do vínculo entre mãe e filho continua para o desenvolvimento da criança. Esta diáde é estudada através do conceito de maternagem, que se refere especificamente ao conjunto de cuidados dirigidos à criança com o intuito de suprir suas necessidades de desenvolvimento, ao longo dos anos. A interação entre mãe-criança é um fator fundamental para o desenvolvimento infantil, assim como os cuidados da mãe e o bom exercício de sua maternidade são descritos como o ponto crucial e a força motriz do bom desenvolvimento emocional, social e cognitivo da criança. Até a década de 1960 (Crepaldi, et al., 2006; Dessen, 1984, 1985) não se fazia referência à necessidade de se estudar a qualidade da interação pai-criança e os poucos dados obtidos eram frequentemente inferidos e não documentados. Dessa forma, os estudos nesse período

praticamente não citavam o pai, atribuindo a responsabilidade à mãe pelo sucesso ou fracasso do desenvolvimento e criação dos filhos.

Lamb (1976, 1997), precursor dos estudos sobre o papel do pai, investigou as interações na família a partir da década de 1970. Seus estudos concluíram que as características dos pais contribuem para o desenvolvimento infantil. Constatou que existe um contato físico mais significativo entre pai e bebê em comparação à mãe, que costuma segurá-lo nas situações de cuidado diário como a amamentação. A importância dos pais no desenvolvimento dos filhos também foi reforçada por Bronfenbrenner (1996) e Bronfenbrenner e Morris (1998). Esses dois autores indicam que uma maior participação dos pais na criação dos filhos favorece o bom desenvolvimento das crianças e ressaltam a importância da presença paterna no contexto de desenvolvimento infantil.

Essas mudanças na organização familiar e na interação entre o pai e seus filhos, além de uma participação mais ativa do pai como suporte à mãe na educação da prole, ocorreu mais expressamente a partir da década de 1980 (Wagner, Predebon, Mosmann, & Verza, 2005). As práticas ideais de cuidados e dos padrões de maternidade e paternidade na tríade Mãe-Pai-Filho(s) passaram a ser valorizadas dentro do grupo social, podendo descrever como seus objetivos básicos a alimentação, a proteção e a organização do ambiente de criação da prole. Neste aspecto, conforme Rivera e Milicic (2006), a qualidade da relação entre o casal parental e os filhos favorece aos filhos um bom rendimento acadêmico, auxiliando também no comportamento escolar das crianças, o que refletirá no próprio desenvolvimento delas.

Esses aspectos que favorecem ao desenvolvimento infantil são constituídos na família, compreendida como o nicho de desenvolvimento primário da criança e proporciona as situações interativas entre seus membros (Keller, 1998, 2007). É entendida como um espaço composto por pessoas de idades diferentes. Por esta razão, encontram-se em fases diferentes do desenvolvimento humano, avançando em conjunto em um ciclo vital pontuado por

momentos críticos, que definem as etapas da evolução individual de cada um e de tarefas de socialização, como disserta Biasoli-Alves (2002). Cabe à família propiciar durante o desenvolvimento nos primeiros anos de vida do bebê as condições para a formação da identidade e manter a convivência e as trocas afetivas entre seus membros. Para Bronfenbrenner (1977, 1996), se a criança fosse removida de seu ambiente e colocada em uma situação diferente da familiar, será fornecida apenas um quadro que favorecerá parcialmente o desenvolvimento da criança, devido à importância da família para o seu desenvolvimento e estudo.

No modelo sistêmico entende-se família como um sistema complexo, composto de vários subsistemas que interagem entre si com o passar do tempo (Dessen, 1984, 1997; Dessen & Braz, 2000; Minuchin 1985;). Os subsistemas são compostos individualmente por cada membro da família e este também participa de vários subsistemas, como mãe-criança, pai-criança, esposo-esposa. Cada subsistema estabelece relações que são únicas e os processos das relações estabelecidas são mantidos ou modificados em cada uma das dinâmicas dos subsistemas. A família então é compreendida como uma rede complexa de relações, sem reduzir a unidade familiar à soma de seus integrantes, bem como seus sentimentos, pensamentos e comportamentos manifestos. A família é um todo organizado, um sistema, em que os elementos são os integrantes e as relações são as interações vividas dentro do ambiente familiar. Desse modo, o clima afetivo positivo é favorável para um bom relacionamento entre seus membros, proporcionando sentimentos de pertença, afeto e segurança, facilitando o relacionamento familiar e social deste grupo.

As transformações que podem ser observadas no decorrer das últimas décadas no estabelecimento da relação pais-filhos são fruto do conhecimento técnico científico, que vem ocorrendo por consequência de um maior acesso a um grande número de informações cada vez mais atualizadas, seja por meio de livros, revistas, documentários, sites, etc. Esse grande

volume de informações acaba gerando insegurança nos pais quanto à forma de pensar a educação das crianças. O aumento do nível de conhecimento, acesso à informação por parte dos pais, atrelado ao fato da família atualmente ter estabelecido múltiplos formatos, ocasionados pela tendência de redução de número de filhos e um aumento do número de filhos únicos, tem se transformado em aspectos de relevância e são grandes preocupações de estudiosos como Biasoli-Alves (2002) e para Fernandes et al. (2007). Para estes autores, as inúmeras mudanças na estrutura familiar, como uma preferência das mães em dedicar-se primeiramente à carreira profissional para posteriormente passarem pela maternidade, tem resultado na redução do número de filhos, pela opção de um número menor de filhos e muitas vezes pelo filho único. Todo este processo de transformação é em decorrência das mudanças sociais atuais que têm baixado o índice de nupcialidade e de natalidade. Para Dessen e Costa Jr. (2005) e Magagnin (1998), mesmo com a evolução das famílias e suas características diferenciadas, há um padrão bem definido de papéis e regras que se esperam dentro de seus integrantes e de como elas funcionem.

Durante a década de 1930 até meados da década de 1980, os pais, geralmente, desempenhavam suas tarefas educativas baseados na tradicional divisão de papéis segundo o sexo, onde as mães deveriam cuidar e educar os filhos e os pais deveriam prover o sustento da família (Biasoli-Alves, Caldana & Dias da Silva, 1997). Segundo Diniz e Salomão (2010), a participação paterna tem sido cada vez mais efetiva, deixando de ser apenas um papel de provedor, mesmo que as características afetivas da mulher ainda tenham deixado para ela o principal papel de cuidar das crianças. Portanto, o homem tem desempenhado cada vez mais um papel importante na interação com os filhos, estando mais ativo na educação, demonstrando mais afeto em relação aos filhos e estabelecendo uma relação mais estreita e direta com eles, como por exemplo, ensinando tarefas, alimentando-os, vestindo-os, participando das decisões, expressando mais efetivamente afeto para os filhos entre outros

cuidados, havendo então um novo modelo para as novas relações a serem estabelecidas fora do ambiente da família.

A família, para Biasoli-Alves (2002), nos remete a função de sociedade, e é ela que vai dimensionar as práticas educativas em relação ao número de filhos, construindo o ambiente em que a criança vai viver. Para tanto, os pais estabelecem as interações entre eles (pais, filhos, netos) e estabelece os limites e como todos estes fatores irão ser colocados em prática (Biasoli-Alves, 2002; Biasoli-Alves & Caldana et al., 1997). Para tanto, as formas de cuidado parental do progenitor para seus filhos, como cita Trivers (1972), constituem-se desde a sobrevivência, crescimento até o sucesso na educação dos seus descendentes. Isso possui uma variação que depende do estagio de desenvolvimento dos filhos.

O esquema de funcionamento interno da família é o que permite com que ela atue dentro de contextos sociais específicos. Percebe-se que ao fazer um levantamento sobre o funcionamento da família, observa-se nessa instituição uma enorme plasticidade e capacidade de mudança e de adaptação às transformações econômicas, sociais e culturais mais amplas. Esse fato, segundo Carvalho e Almeida (2003), ocorre por meio de três fatores que são a estrutura, que representa o conjunto de exigências funcionais que estabelece a interação entre seus membros e um padrão de relações que assume a função de organizar o comportamento dos membros da família desenvolvimento e adaptação; o desenvolvimento, que está relacionado às diferentes fases pelas quais a família passa durante sua existência (ciclo vital) que requerem de seus membros constantes mudanças; e a adaptação, que se refere à adequação da família às circunstâncias novas, a capacidade de se adaptar quando os contextos se modificam, sem perder, no entanto, sua continuidade, constituindo um sistema de referência para seus membros.

Neste aspecto, Marteleto (2002) indica que um menor número de filhos também pode implicar no aumento da oportunidade das famílias de oferecerem melhores níveis

educacionais para os filhos, principalmente para aqueles pais que valorizam a educação formal e despendem tempo para supervisioná-los. Os recursos familiares para cada filho especificamente reduzem com a elevação do número de crianças e afetam diretamente o desempenho educacional. É importante salientar que quanto maior o número de filhos, além dos recursos financeiros, o apoio pessoal, o tempo investido para cada filho diminuiria, o que influenciaria negativamente o desenvolvimento das crianças, incluindo o desempenho acadêmico. Há ainda o fato de que quando a família tem mais de um filho, os comportamentos de cada criança, bem como as expectativas dos progenitores, são influenciados pela percepção dos pais de cada filho, entendendo-as assim que as expectativas também são diferentes para pais com diferentes números de filhos (Minuchin, 1985).

Quando uma família tem mais de um filho, os estudos de Hertwig, Davis e Sulloway (2002), indicam que os pais têm a pretensão de tratar de forma igualitária os filhos, mas essa tentativa de investimento parental dos pais de tratá-los como iguais não se mantém quando há três ou mais filhos. Além deste estudo, Sampaio (2007) destaca que no caso do filho único, ele recebe todo o investimento parental. Porém, no caso de dois ou mais filhos, a soma total do investimento entre eles será a mesma, mas o momento no qual o investimento é realizado é diferente. Dessa forma, o primeiro filho recebe mais investimento parental nos primeiros anos, ou até que o segundo filho nasça, mesmo que o segundo filho receba mais investimento quando o primogênito for mais velho e não necessite tanto do auxílio dos pais. A diferença aparece então no caso de três ou mais filhos onde o filho do meio não tem um momento de ser o “único” a receber investimento, já que necessita dividir com o irmão mais velho ou o mais novo.

O primeiro filho também poderá ter problemas em relação à família, como a falta de liberdade em atividades que necessitam da permissão dos pais, da mesma maneira que o filho mais jovem poderá ter dificuldade em ter disponibilidade da atenção dos pais, principalmente

os que se encontram na tenra infância, devido ao fato de que os pais estarão ocupados outros filhos. Hertwig et al. (2002) alertam para o fato de que as circunstâncias que moderam a distribuição igualitária dependem da duração do período de crescimento. Destaca-se que na medida em que este período de desenvolvimento é maior entre os intervalos de nascimento dos irmãos, menos lesivo será ao filho do meio, além de que quanto maior o número de filhos, menos investimento o filho do meio receberá. Cabe ressaltar o conceito de “filho do meio” não está restrito a um único filho (Sampaio, 2007) e sim, a todos os filhos nascidos entre o primogênito e o caçula.

Com relação a uma família com mais de um filho, é importante enfatizar que no ciclo de vida da família em sua totalidade, a chegada de mais um membro produz reações, sentimentos, mudanças de formas diferentes para cada membro, dependendo de como este encare o evento individualmente e principalmente com a divisão da atenção, agora que há mais de um filho, há mais um integrante na partilha. Por isso, há indicativos de que ao se aumentar o número da prole a atenção aos filhos fica diluída, diferentemente dos pais de filhos únicos. Minuchin (1985) cita que esta situação exige ajustes e adaptações a novas rotinas e implica na adição de novos papéis para cada pessoa. Os resultados dessas mudanças podem ser positivos ou negativos e tudo vai depender da estrutura familiar e do próprio funcionamento da família, sofrendo é claro influência de como se dão as interações entre os membros.

Em relação à influência da ordem de nascimento e das concepções dos pais relacionadas a este aspecto, os estudos publicados neste tema são em menor número, mais especificamente relacionados ao desenvolvimento na infância. Um estudo realizado acerca da ordem de nascimento de Andeweg e Van Den Berg (2003) investigou a ordem de nascimento e liderança política entre 1161 políticos holandeses que responderam a um questionário enviado pelo correio. Os resultados da pesquisa indicaram que há influência da ordem de

nascimento tanto no subsistema que envolve relações pais-filho, como no que concerne às relações entre irmãos, impactando na carreira política, associado com o fato de que nas sociedades onde o pai é um líder na família, as relações pais-filhos são relacionadas com as diferenças de tratamento para com o primogênito, o que justificaria a predisposição à liderança política. As conclusões, assim como o do estudo de Musun-Miller (1993) descrito no parágrafo a seguir, destacam que a ordem de nascimento possui influencia no desenvolvimento individual, principalmente entre os adolescentes e adultos, com destaque para as habilidades sociais que são mais afetadas pela presença ou não de irmãos do que pelos traços personalidade, em longo prazo.

Musun-Miller (1993) realizou uma pesquisa no contexto norte-americano investigando em que medida as concepções do casal parental sobre o efeito da ordem de nascimento das crianças se projetavam na percepção de seus próprios filhos. Essa pesquisa foi realizada com um total de 105 pais, dentre estes 30 pais e 75 mães, com idade média de 30,7 anos, com filhos de 5,5 anos de idade em média. Tanto pais e mães completaram duas listas de adjetivos atribuídos a filhos únicos, filhos primogênitos e filhos mais novos. As listas eram diferenciadas, sendo uma referente a crianças em geral e uma para seus próprios filhos. Os resultados do estudo demonstraram que ambos os pais possuem a tendência de descrever o primogênito de forma mais positiva que o filho mais novo, bem como possuem maior expectativa em relação a eles, descrevendo-os como menos mimados e mais autocríticos que os filhos únicos e filhos mais novos. Dentre os resultados, pode-se destacar que os pais descreviam de forma positiva tanto seus próprios filhos, no caso de pais de mais de um filho, quanto as crianças em geral, com a mesma correspondência relativa à ordem de nascimento. Cabe ainda frisar que os pais apontavam a criação de mais de um filho como forma de contribuição para a harmonia das atitudes e concepções em relação aos seus filhos e às crianças de forma geral. Os pais de filhos únicos não descreveram de forma equivalente os

dois grupos de crianças, com ênfase na disposição aos estudos e nas características de extroversão dos filhos únicos. A inconsistência nas respostas desses pais foi descrita no estudo como devidas ao próprio estereótipo social relacionado aos filhos únicos.

Assim, considerando o desenvolvimento infantil como influenciado tanto pelas características dos pais quanto pelo ambiente em que se interage, apresentou-se a família a partir do modelo bioecológico de Bronfenbrenner, no qual se destaca o papel da bidirecionalidade nas interações adulto-criança. Esse modelo auxiliará no entendimento da família, como o ambiente para o desenvolvimento da criança, e demonstrará as interações familiares, como influência nas práticas parentais e na própria socialização das crianças.

3. Socialização e metas de socialização

O desenvolvimento social é um processo bilateral em que ao mesmo tempo em que as crianças são integradas na comunidade social mais ampla, expandindo o ambiente familiar entre pais e filhos, elas são diferenciadas como indivíduos distintos e autônomos (Cole & Cole, 2004). O estudo da socialização da criança é importante para compreender a qualidade do cuidado dos pais em relação à criança e nos fornece subsídios para estudar as influências das metas e estratégias de socialização utilizadas pelos pais e como elas influenciam o desenvolvimento infantil, (Bandeira, Seidl de Moura & Vieira, 2009) permitindo assim pesquisar como um todo o desenvolvimento humano e cultural.

A socialização da criança ocorre em um processo que pressupõe a obtenção de valores, costumes, normas, papéis, conhecimentos e condutas que são transmitidos e regulados pela sociedade (Keller, 1998, 2007). O próprio tema da família nos remete à sociedade, a qual irá dimensionar a educação da prole e criar o ambiente de desenvolvimento da criança, como cita Biasoli-Alves (2002). Para esta autora, neste ambiente são fornecidas as condições para a formação de identidade da criança que manterão a convivência e as trocas afetivas entre seus membros, incluindo a transmissão de valores. É a família que estabelece os limites e a forma como acontecerão as interações entre os pais, filhos e irmãos, e esta servirá de modelo para as interações externas a este ambiente.

Biasoli-Alves (2002), Bronfenbrenner (1996) e Dessen e Costa Júnior (2005) ao explanarem acerca do desenvolvimento humano, destacam o trabalho de Bronfenbrenner que demonstra que a maneira de socializar as crianças tem se modificado ao longo dos anos. Ressaltam-se algumas mudanças sociais que podem interferir no aumento da escolarização feminina, resultando na profissionalização da mulher que vem se afastando da exclusividade

de realização de tarefas domésticas. O distanciamento da família de origem, devido à mobilidade dos novos casais com seus filhos, a entrada e assim uma maior participação do homem nas atividades do lar e cuidado com os filhos, o que tem alterado notoriamente os papéis masculinos e femininos. Outros fatores que auxiliam este processo de alteração são a diminuição do valor social da função de criar os filhos, o conhecimento médico-científico e psicológico sobre as relações interpessoais e a diminuição do tamanho médio das famílias.

O nível educacional dos pais e sua elevação, pela maior facilidade de acesso a um curso de nível superior foi identificado como uma correlação positiva entre a educação das mães e as crenças maternas acerca do desenvolvimento infantil, como por exemplo, a idade mais apropriada da criança para aprendizagem e aquisição de certas habilidades cognitivas e comportamentais (Banasich & Brooks-Gunn, 1996; Grigorenko & Stenberg, 2000).

As mudanças no ambiente familiar têm proporcionado a emergência de novos modelos de socialização. Desse modo, a construção da identidade pessoal da criança tem se modificado, assim como o modelo tradicional de educação tem sido invadido pelos mercados de entretenimento para crianças que possuem também um caráter socializador e amplamente utilizado pelas mães, posto que os meios de comunicação como a televisão e a internet também têm sido crescentemente utilizados também pelas crianças com liberdade (Setton, 2005). Nesse sentido, além de como as crianças são socializadas, é importante compreender as expectativas dos pais no desenvolvimento dos filhos.

Dentro do processo de socialização, as metas de socialização são definidas como um conjunto de concepções e valores que são construídos culturalmente e se materializam em objetivos estabelecidos para longo prazo pelos progenitores em relação a seus filhos. São esses objetivos que influenciam as práticas de cuidados dos pais com seus filhos. De outro modo, pode-se dizer que as metas de socialização são os ideais implícitos ou explícitos dos pais relacionados com o modo que desejam que seus filhos sejam. Para tanto, os pais

consideram determinados conhecimentos, valores morais e padrões de comportamento, ou seja, os pais estabelecem certas expectativas que acreditam que seus filhos deveriam adquirir com o seu desenvolvimento (Miller & Harwood, 2001). Destaca-se neste contexto a importância das metas de socialização e a influência das práticas parentais na educação dos filhos.

Bandeira et al. (2009) citam que as expectativas que pais têm em relação aos filhos fazem parte do contexto sociocultural onde esses se desenvolvem. Nos estudos de Keller, os modelos culturais podem ser orientados para o desenvolvimento da autonomia ou da interdependência dos filhos. O desenvolvimento da autonomia diz respeito à construção de um *self*, único e distinto, em que se priorizam as metas pessoais e a autonomia dos filhos. Já a interdependência concebe a construção do *self* conectado a outras pessoas, enfatizando os deveres e obrigações em um grupo social. Bandeira et al. (2009) têm indicado que as famílias urbanas e com um nível educacional bom estão mudando e se adaptando a diferentes estilos de vida. Os resultados mostraram que pais e mães valorizam as metas relacionadas à autonomia e também à interdependência. Além disso, acreditam que a melhor forma para alcançar essas metas e expectativas em relação aos filhos seriam o ensinamento e o bom exemplo por parte tanto dos pais quanto das mães, que apresentaram respostas semelhantes quando questionados a respeito. Estes autores indicam que através do estudo das metas de socialização dos pais podemos conhecer alguns aspectos do modelo cultural da população estudada.

Na socialização dos filhos, Bolsoni-Silva (2000) e Dell Prette e Dell Prette (2005, 2009) assinalam que cumprir promessas é uma habilidade social educativa parental de suma importância, pois os pais ao prometerem e não cumprirem podem sem querer fazer com que os filhos se sintam enganados, prejudicando o relacionamento com eles. Já o cumprimento das promessas funciona como um modelo para a prole, que terá muito mais chances de

reproduzir este comportamento, esta habilidade, além de reforçarem a confiança na fala dos pais. Além disso, Bolsoni-Silva (2000), Bolsoni-Silva, Silveira e Maturano (2008) observaram que a habilidade dos pais de retratarem-se, ao pedirem desculpas, de estarem admitindo os próprios erros aos filhos, ensina-os a comportarem-se da mesma forma como os seus pais desejam e se comportam. Todavia, os pais receiam admitir seus erros aos filhos com medo de que a noção de limites e de respeito seja perdida e substituem o ato de retratar-se por beijar os filhos antes de dormir por exemplo. Esse comportamento indica a adoção de comportamentos culturalmente aceitos como manter certa distância dos filhos para não os “estragarem”, ou a idéia de que os pais nunca devem demonstrar que estão errados para os filhos.

Quanto ao número de filhos em relação à socialização, Biasoli-Alves et al. (1997) destacou que a concepção da criança em seu espaço familiar sofre interferência das transformações sociais e dos valores existentes ao longo de sua história de vida, e são estas transformações que afetam o ciclo de vida familiar, como a chegada de um novo filho. Neste caso, há modificações claras. Não apenas é mais uma pessoa para interagir, como também, mais alguém para concorrer pela atenção dos pais. O aparecimento de mais um filho afeta o processo de socialização, tendo em vista que as relações familiares são recíprocas e os filhos exercem uma influência ativa na relação com os pais, como já fora também destacado por Bronfenbrenner (1996).

Dessen e Mettel (1984), Pereira e Piccinini (2007, 2011), ao estudarem a interação dos pais-primogênito com a chegada de uma segunda criança no ambiente familiar, indicaram que este momento é bastante estressante tanto para os pais quanto para o primogênito, pois a interação entre eles é modificada com a divisão da atenção do casal parental entre os filhos. Nestes estudos, as análises revelaram diferenças significativas dos comportamentos de interação do pai e da mãe com o primeiro filho antes do nascimento, depois do nascimento

sem a presença do novo bebê, e depois do nascimento na presença do bebê. Essa relação pais-primogênito e primogênito-irmão são de extrema importância para determinar os papéis que os diferentes membros familiares possuem na socialização.

Mesmo dependendo tanto do pai, da mãe e do primogênito, além das variáveis envolvidas como a inserção de um novo membro na prole, as mudanças na interação entre os pais e o primeiro filho com a chegada de uma nova criança podem acontecer em níveis mais observáveis, como a expressão de comportamentos, podendo ser na diversidade, qualidade frequência e padrões relativos de interações, bem como em níveis mais abstratos, como nas emoções e nas percepções (Dessen & Mettel, 1984). Essas mudanças podem ser devidas à própria situação nova e estressante do nascimento do bebê, como do aumento dos cuidados da própria mãe em relação ao filho, a casa, ao esposo e ao primogênito.

Os comportamentos pró-sociais dos pais em relação às crianças em especial o carinho, a atenção, o estímulo ao raciocínio e a autonomia, estão relacionadas à empatia e a própria socialização das crianças (Knafo & Plomin, 2006a). Quanto mais são demonstrados pelos pais comportamentos afetivos positivos, em especial aqueles que precisam dividir a atenção para mais de um filho, melhores serão os comportamentos apresentados pelas crianças, já que a modelagem do comportamento é feita pela forma como os pais interagem diariamente com seus filhos (Knafo & Plomin, 2006b).

Ao investigar a relação entre os contextos de criação das crianças e as metas de socialização, Diniz e Salomão (2010) indicam que diversos estudos (Biasoli-Alves, 2002; Harwood, 1992; Keller, 1998) têm observado que culturas ocidentais tendem a promover a autonomia precoce enquanto que culturas não ocidentais incentivam as interrelações sociais próximas entre a criança e seus cuidadores. No Brasil, Diniz e Salomão (2010) e Peregrino (2006), indicam que os resultados apontam para uma ênfase em qualidades sociocêntricas, onde as mães tendem a estimular o individualismo. Esse aspecto parece estar relacionado à

necessidade de desenvolver a autonomia dos filhos, com o intuito de formar um adulto competitivo, realizado profissionalmente no mundo globalizado atual que exige do potencial do indivíduo, especialmente de sua capacidade de produção.

Oliveira (1995) enfatiza a importância da história individual e das transformações ocorridas no desenvolvimento pessoal dos pais, aspecto que influenciará na educação recebida pelos filhos, o que refletirá na socialização e na interação entre os pais, dos pais com os filhos e dos próprios filhos com terceiros, pois o núcleo da sociedade e a primeira socialização da criança ocorrerão no ambiente familiar. Desse modo, Keller (2007) enfatiza que a estrutura social e econômica de uma sociedade, bem como a economia no ambiente familiar e seu padrão social, ou seja, a classe sócio-econômica dos pais, define as estratégias de socialização escolhida por eles, as quais consistem nas idéias e nas práticas que influenciam diretamente o desenvolvimento das crianças e, consequentemente a Psicologia do adulto.

A relação entre gênero, inibição e socialização parental para o desenvolvimento do comportamento pró-social foi estudada por Hastings (2005). Nesta pesquisa, foram estudados 46 meninos e 42 meninas em idade pré-escolar pelo período de dois anos e não foi encontrada relação entre a inibição da criança com o modo de se comportar do pai com o comportamento pró-social apresentado e desenvolvido nos filhos. Contudo, o comportamento das mães foi fundamental para o prognóstico do comportamento pró-social, em especial com as meninas descritas como inibidas. O estudo infere que o temperamento e gênero dos filhos são dependentes dos comportamentos específicos dos pais. Os comportamentos ditos como adequados para cada gênero também influenciam as metas de socialização dos pais (Diniz & Salomão, 2010), além da influência que pai e mãe desempenham sobre as metas que são traçadas para os filhos. As metas adequam-se aos valores socialmente construídos para os comportamentos tanto masculino quanto feminino, como por exemplo, a expectativa de que

as meninas sejam mais carinhosas e estão relacionadas à metas ligadas à emotividade e ao bom comportamento e os meninos mais ativos e competitivos e com metas ligadas ao auto-aperfeiçoamento.

Destaca-se que apesar dos estudos acerca do número de filhos e do modo como os pais os educam e os socializam serem em muitos casos contraditórios, constatam-se alguns pontos em comum (Sampaio, 2007). De modo geral, existem diferenças entre pais e mães acerca do relacionamento dos mesmos com seus filhos e suas filhas (Keller & Zach, 2002; Sampaio, 2007). Por essa razão, os mesmos lidam de forma diferente com circunstâncias adversas e com suas próprias habilidades. Com relação às meninas, ambos os pais costumam expressar mais carinho e afeto em relação a elas. Já com os meninos, ambos os pais estimulam mais a independência e expressam menos afeto comparando com as meninas. Devido a estas questões, os meninos têm problemas de internalização e ainda mais externalização do que as meninas em relação a fatores estressores, e assim expressam com mais dificuldade ou de forma inadequada seus sentimentos, o que corrobora com a literatura sobre comportamento antissocial e onde os meninos neste caso são mais propensos a problemas de socialização. No caso das meninas, Sampaio (2007) afirma que os comportamentos sociais delas estão mais relacionados com inibição e retraimento em maior escala que os meninos, pela menor estimulação à independência.

O uso da disciplina indutiva pelos pais é importante na educação dos filhos e essencial ao contato social das crianças com outras pessoas e ambientes diferentes do familiar, e ajuda a explicar às crianças as consequências do seu comportamento. Knafo & Plomin (2006a) citam que as crianças que possuem um relacionamento terno com seus pais, como ponderado por observação comportamental, foram avaliadas por seus professores como mais educados e pró-sociais. Além disso, os estilos parentais amplos, onde os pais fornecem seu sistema de

socialização, e as ações dos mesmos na apresentação destes comportamentos são essenciais para se educar e socializar as crianças.

Cabe destacar que os fatores que caracterizam a sociedade atual, como a elevação da competitividade, do individualismo, do desemprego, da violência, das doenças sexualmente transmissíveis, o agravamento desses fenômenos tem implicado na forma de socializar e educar os filhos. Henning (2008) e Ribeiro (2003) ressaltam que esses aspectos causam implicações que alteram a estrutura familiar e muito influenciam no acréscimo do divórcio entre os casais e do aumento das famílias monoparentais e reconstruídas, bem como a falta de apoio intergeracional. Todos estes aspectos mudam a educação fornecida às crianças e assim aos adolescentes e, aos jovens, pois as mudanças sociais e familiares são espelhadas em como a paternidade e a maternidade são vivenciadas e exercidas durante todos os dias nos núcleos familiares.

A partir do que foi exposto sobre metas de socialização e sua intrínseca relação com as práticas parentais, entende-se que a socialização é um processo que promove a qualidade da interação de forma positiva dos pais com os filhos. Dessa maneira, as práticas parentais são influenciadas pelas experiências dos pais em relação a seus filhos e pelas metas de socialização.

4. Práticas educativas parentais

Dentro do ambiente familiar, há três características que estabelecem as relações familiares. São estas: a reciprocidade, estabelecida pelas ações de uma pessoa que influencia a outra e vice-versa; o equilíbrio de poder, quando um dos pais pode ser mais influente que o outro, uma condição que pode ser confortavelmente aceita e ensinada a criança através da diáde a aprender a lidar com as relações de poder; e o afeto, que desempenha um papel fundamental no desenvolvimento, e quanto mais positivas e calorosas forem as relações entre os pais e os filhos, os processos evolutivos da criança ocorrerão de forma mais adaptada e salutar (Bronfenbrenner, 1996). Por isso percebe-se que o estudo das práticas educativas parentais deve considerar a relação dos pais com as crianças e o ponto de vista deles (Sampaio, 2007; Gomide, 2006, 2007).

Diariamente, os pais tentam fazer com que a educação que proporcionam a seus filhos tenha um direcionamento no comportamento deles no sentido de que estes sigam os princípios morais. Assim, as crianças irão adquirir uma ampla gama de comportamentos que farão com que sejam independentes e possuam autonomia e responsabilidade (Gomide, 2006, 2007), corroborando com o desejo dos pais que é também de extinguir os comportamentos que não são socialmente desejáveis tanto no ambiente familiar quanto externo a ele.

Na educação proporcionada aos filhos, os pais são mencionados como facilitadores e encorajadores da autonomia da prole, através de tarefas apropriadas para sua idade e aprimorando os comportamentos infantis nos mais variados ambientes. Deste modo, as mães comportam-se e conduzem suas práticas educativas às suas preocupações com a segurança afetiva dos filhos. Por outro lado, os pais estão mais voltados à disciplina e são regularmente citados como referência para controlar o comportamento das crianças. Basta citar a elas que

irão mencionar algum fato ocorrido aos pais (Easterbrooks & Golberg, 1984). Ainda assim, é a mãe que é mencionada como mais autoritária, exercendo controle nos pontos de divergência na educação das crianças, mas sempre incentivando o diálogo. Neste meio, a participação dos pais ainda é referida como ligeiramente menor do que a das mães (Diniz & Salomão, 2010; Keller, 1998; Pacheco et al., 2008).

Na intenção de educar seus filhos, os pais adotam práticas que exigem a interação do adulto com a criança, que é confrontada com os padrões e regras morais da sociedade. As diferentes práticas educativas exigem interações díspares que ocorrem nas situações mais diversas e distintas (Pacheco et al., 2008). Mesmo ao utilizar uma medida restritiva de comportamento do filho, pai e/ou mãe podem demonstrar o cuidado deles perante seus filhos, bem como seu afeto ou estimular o exercício de uma autonomia da criança exercida de forma responsável, como destaca Bronfenbrenner (1996). Neste aspecto, cabe ressaltar a importância das características de personalidade, as concepções e as cognições paternas sobre as motivações e capacidades dos filhos que são extremamente significantes para o estabelecimento das práticas disciplinares aplicadas pelos pais (Keller, 1998; Peregrino, 2006).

Assim, o padrão global de como ocorrem essas atitudes dos pais para com os filhos é que determina o clima emocional no qual são expressas as práticas parentais, definidas por Darling e Steinberg (1993) como o *estilo parental*. Ele também envolve as dimensões da cultura familiar, como ocorre a comunicação em família, os valores presentes, como se apresentam a hierarquia das funções e papéis familiares que são expressos nas tomadas decisões e no exercício da autoridade por parte dos pais (Pacheco et al., 2008; Reichert, 2006).

Existem bases teóricas que servem como fundamento para as práticas educativas parentais. Esta literatura, segundo Gomide (2007), possui diversos nomes. As práticas

parentais são compreendidas como os comportamentos disciplinadores, interativos, socializadores e de apoio entre pais e criança (Oliveira, Marin, Pires, Frizzo, Ravanello & Rossato, 2002). Para Cecconello et al., 2003), as práticas parentais são as estratégias utilizadas pelos pais para atingir objetivos específicos, como um bom rendimento acadêmico, afetivo e social por parte dos filhos em determinadas circunstâncias, mesmo que os pais não estejam presentes no contexto de expressão destes comportamentos.

Sejam as práticas parentais consideradas como positivas ou negativas, ambas implicam no monitoramento por parte dos pais. Por monitoramento, entende-se como um conjunto de comportamentos parentais que envolvem atenção para a localização de seus filhos, sendo que os pais sempre sabem onde os seus filhos se encontram, além de atenção para as atividades e formas de adaptação das crianças (Gomide, 2006, 2007). Há ainda o fato de que os pais devem na educação de seus filhos e em suas práticas diárias estabelecer às crianças um conjunto de regras para que elas saibam onde podem ir, como devem vir, com quem podem estabelecer relações e quando devem ir para casa. Estas normas servem para garantir a obediência em relação às regras e servem como referência para uma ação disciplinar quando os limites e as regras são violados (Dessen, 1984, 1985; Gomide, 2007).

Cabe ainda enfatizar que existe uma diferença entre as práticas parentais e os estilos parentais também abordados na literatura, com destaques para os estudos de Gomide (2006, 2007). O controle por parte dos pais tem sido utilizado na literatura tanto para descrever os comportamentos quanto os estilos parentais. Porém, o modo como os pais regulam o comportamento dos filhos é operacionalizado pelo monitoramento, supervisão parental e o controle psicológico, que por parte dos pais são amplamente combinados para descrever os diversos estilos parentais (Gomide, 2007; Sampaio, 2007). A monitoria positiva ou negativa, também denominada de supervisão estressante, esta última caracterizada pela fiscalização e

ordens excessiva por parte dos pais, são responsáveis por gerar diferentes relações com os filhos.

O monitoramento negativo propicia uma relação pais-filhos hostil, insegura e repleta de dissimulações e já a disciplina relaxada, é aquela em que não há o cumprimento de regras estabelecidas. Cabe destacar neste tópico que a punição corporal e o abuso físico são dois pontos que, para Gomide (2003, 2006, 2007), são um contínuo, em que ela atravessa a linha de punição para abuso quando administrada de forma severa e frequente. Por outro lado, o abuso psicológico é apresentado na literatura como uma forma de abuso infantil, onde o abuso de poder e a falta de afeto são percebidos por elas como se estivessem em perigo e/ou como se não fossem amadas. O abuso de poder é enquadrado dentro de abuso físico, por conseguinte que a falta de afeto se enquadra melhor no quadro de abuso emocional ou psicológico.

Cabe destacar que as práticas educativas, foco deste estudo, quando são inadequadas, têm se correlacionado com problemas no desenvolvimento cognitivo e social da criança e acarreta em um rendimento acadêmico inferior nos filhos. Crianças que possuem pais mais envolvidos, afetuosa e verbalmente sensíveis, que possuem uma prática educativa que evita o uso de punições e restrições, apresentam melhor desempenho acadêmico (Gomide, 2003, 2007).

Sampaio (2007) indica que com relação às práticas educativas parentais e o gênero do filho, há uma preferência dos pais com filhos do mesmo sexo que o seu, sendo assim os pais preferem os meninos e as mães as meninas respectivamente. Há ainda o fato do gênero também influenciar no modo como eles reagem a estressores familiares. Os meninos costumam externalizar e as meninas de internalizar os comportamentos. Dentro dos ambientes estressores pode-se citar a chegada de uma nova criança à família, posto que há alteração do tamanho e da estrutura da família, bem como nas circunstâncias sociais ou

econômicas e nos padrões de vida, de forma potencialmente estressantes (Dessen, 1984; Dessen & Mettel, 1984, Pereira, 2008; Piccinini et al., 2007). Essas mudanças afetam principalmente o primogênito, embora esta situação também seja difícil para os pais, em especial às mães que têm que dividir a atenção com mais de um filho.

Ao contrário da questão do gênero, a posição ordinal dos filhos na sequência de nascimento foi considerada como realmente importante no estudo das interações familiares a partir da publicação do livro *Born to Rebel*, do historiador Frank Sulloway, trazendo o debate sobre a influência da ordem de nascimento na relação da fratria, entre pais e filhos e nas características da personalidade (Sampaio, 2007). Para Sulloway, o sistema familiar, mais especificamente o círculo de irmãos, e a competição do amor e atenção dos pais, a partir de uma perspectiva evolucionista, funcionam como uma força motriz para a evolução humana, e contribuem para a construção da personalidade de cada filho.

Dessen (1984, 1997); Dessen e Mettel (1984), revelam que a chegada de um bebê tem influência marcante na diáde-mãe primogênito. A interação da mãe com a segunda criança exerce influência importante no comportamento do primogênito. O nascimento do segundo filho é um evento que marca o sistema familiar e o seu ciclo vital, podendo influenciar as práticas educativas parentais em relação ao primogênito em virtude da experiência anterior, como relatam Freitas (2008) e Pereira e Piccinini (2011). A chegada de um novo filho implica na necessidade dos membros da família de assumirem novos papéis. As interações, além das práticas, se modificam e reforçam a importância de que a família necessita de atenção, tanto individualmente quanto em grupo e em especial o primogênito que precisa se adaptar ao novo contexto.

Quanto à ordem de nascimento, os primogênitos, em especial do sexo masculino são os que recebem maior investimento dos pais. Contudo, Sampaio (2007) demonstra que a literatura é contraditória em relação a este aspecto e não compartilhada por todos os autores

da área. A pesquisa de Keller e Zach (2002) indica que ambos os pais permanecem mais tempo com o primogênito. Seus índices eram ainda mais elevados quando as mães interagiam com as meninas e os pais com os meninos. Todavia, quando o casal parental interagia em conjunto com seus filhos, o índice com os primogênitos meninos era mais elevado.

Assim com este trabalho, pretende-se compreender as diferenças entre as metas de socialização e as práticas parentais dos pais em relação aqueles que possuem filho único e aqueles que possuem mais de um filho. Esta pesquisa pretende contribuir com a discussão acerca das mudanças familiares e compreender como estes fenômenos ocorrem através dos instrumentos e das análises que serão realizadas.

A literatura apresentada aponta que há diferença na criação dos filhos, sejam eles únicos ou com irmãos. O número de filhos influencia tanto na quantidade quanto na qualidade dos recursos, inclusive na atenção direcionada a eles. Todavia, este trabalho pretende verificar como isto influencia a forma com que os pais os educam e socializam seus filhos especificamente no contexto da cidade de João Pessoa-PB, contribuindo para o estudo e compreensão dos fenômenos relativos às metas de socialização e as práticas parentais.

5. Objetivos

5.1. Objetivo Geral

Investigar quais são as Metas de Socialização e as Práticas Parentais Educativas em famílias com filho único e famílias com dois a três filhos através do relato materno.

5.2. Objetivos Específicos

- Identificar as metas, as estratégias de socialização e práticas parentais educativas, através do relato das mães.
- Comparar as metas, as estratégias de socialização e práticas parentais educativas das famílias de filho único e famílias com dois a três filhos.
- Compreender como pai e mãe decidem a educação de seus filhos e como funciona a participação paterna neste processo educativo, através do relato das mães.

A partir dos objetivos expostos, espera-se que haja diferenças entre os dois grupos de mães (mães com filho único e mães com dois ou três filhos), sendo esta a hipótese inicial.

6. Método

A pesquisa foi realizada por meio de visitas na residência da diáde, com metodologia quantitativa e qualitativa, onde foi aplicada uma entrevista semi-estruturada, um instrumento acerca da temática (Inventário de Práticas Parentais) além de um questionário sóciodemográfico.

6.1. Participantes

Este estudo contou com a participação de 41 mães, de nível socioeconômica médio, com no mínimo o Ensino Médio completo, com um a três filhos, sendo todos os(as) filhos(as) regularmente matriculados, estudantes do ensino fundamental e residentes da cidade de João Pessoa-PB. As mães entrevistadas são casadas ou com união estável, residindo até o momento do estudo com os pais de seus filhos (as). As idades das crianças foram definidas entre 4 a 7 anos para maior controle da fase de desenvolvimento da faixa etária e nível educacional das mesmas, bem como possuir a faixa etária inicial recomendada para aplicação do instrumento acerca das práticas parentais como descrito na sequência.

A amostra foi obtida de forma não-probabilística por meio de conveniência, através de contatos com pessoas que indicaram mães para participarem do estudo, sejam elas mães que já passaram pelo processo de estudo, profissionais como médicos, psicólogos e professores, bem como indicação em instituições escolares contatadas pela pesquisadora.

6.2. Instrumentos

Foram utilizados três instrumentos para coleta de dados:

- a) Inicialmente, foi utilizado um questionário sócio demográfico (APÊNDICE A) questionando às mães acerca da opção de número de filhos, idade da gravidez, nível sócio-econômico, tempo de união com seu esposo/parceiro e nível educacional da família. Esse questionário foi importante para conhecer melhor a participante, bem como estabelecimento de vínculo, *rapport* entre a pesquisadora e as mães.
- b) **Inventário de Práticas Parentais - IPP** (Benetti & Balbinotti, 2003). Este instrumento foi construído para avaliar as práticas parentais. Considera o envolvimento afetivo, a didática (educação), a disciplina, os aspectos sociais e a responsabilidade do envolvimento parental. Possui 29 itens de avaliação, que se constituem em frases afirmativas, que devem ser respondidas numa escala tipo *Lickert* de 5 pontos (*muito freqüentemente, frequentemente, algumas vezes, raramente, nunca*). Suas propriedades psicométricas foram consideradas satisfatórias no estudo conduzido pelos autores do mesmo e realizado com uma amostra de 106 pais e mães de crianças em idade escolar obtendo correlações entre-itens de 0,06 a 0,57 e com consistência interna de 0,55 a 0,82, além de validade fatorial de 0,06. O Alfa de Cronbach do instrumento teve um coeficiente de 0,90, evidenciando a confiabilidade do mesmo (APÊNDICE B).

c) Uma entrevista semi-estruturada contendo dados e questões abertas, permitindo liberdade às participantes em suas problematizações sobre o tema proposto foi utilizada para investigar questões acerca da família. Desse modo utilizou-se a **Entrevista sobre Metas de Socialização** desenvolvida por Harwood, Sholmerich, Ventura-Cook, Shulze e Wilson (1996) adaptado para o contexto brasileiro por Seidl-de-Moura, Lordelo, Vieira, Piccinini, Siqueira, Magalhães, Pontes, Salomão e Rimoli (2008), que inclui duas perguntas feitas às mães individualmente sobre as qualidades que desejam para seu(s) filho(s) quando adulto(s) e sobre quais as estratégias utilizadas para alcançá-las. Para uma exploração dos dados referentes aos objetivos de estudo duas questões foram adicionadas, e a entrevista também conteve uma questão acerca da participação do pai na educação do(s) filho(s) e como pai e mãe decidem conjuntamente como educar e interagir com eles. As entrevistas foram gravada e transcritas literalmente. As respostas foram analisadas através da análise de conteúdo quantitativa e qualitativa de Bardin (2010), composta por uma pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Neste processo de análise do material coletado através da entrevista semi-estruturada, foram construídas categorias *a posteriori* da análise dos dados derivadas do conteúdo encontrado, dando ênfase para as metas de socialização e expectativas dos pais em relação aos seus filhos, bem como a participação dos pais no auxílio à mãe na criação dos filhos. Esses elementos foram classificados em categorias com o intuito de investigação de cada um destes elementos. O princípio da análise de conteúdo foi extrair a estrutura e os elementos do conteúdo com o objetivo de esclarecer as diferentes características e significações. A análise portanto foi realizada através da percepção do pesquisador

com o foco no objetivo do trabalho, onde este revela o que compreende dos resultados obtidos (APÊNDICE C).

6.3. Procedimentos e Análise dos Dados

As participantes foram indicadas e contatadas através de pessoas, escolas e profissionais que conhecessem mães que atendessem aos requisitos da pesquisa. Este contato foi realizado das mais variadas formas, como através de colégios, postos de saúde, médicos, professores, e contatos pessoais, a fim de abarcar famílias com filho único e mais filhos.

Para um primeiro contato, foi utilizada uma Carta Explicativa sobre a pesquisa, que contém as informações básicas sobre a natureza do estudo sem o intuito de influenciar as respostas das respondentes.

De acordo com a Resolução de nº 196/96 Sobre Pesquisas Envolvendo Seres Humanos, do Brasil: Ministério da Saúde, feita pelo Conselho Nacional de Saúde em 1996, este projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pela Comissão de Ética e Pesquisa do Hospital Universitário Lauro Wanderley do CEP/UFPB, em sessão realizada no dia 30/11/2010 sob o protocolo CEP/HULW nº 664/10, Folha de Rosto nº 384629, CAAE nº 0542.0.126.000-10 (ANEXO 1), sendo salvaguardados os direitos de bem-estar das participantes envolvidas. Neste estudo foram garantidos sigilo e anonimato às participantes, assim como foi pedido um consentimento informado (APÊNDICE D), após todos os esclarecimentos dados a participante de como se decorreria a pesquisa, os propósitos de seu estudo e esclarecendo que esta poderia abandonar o estudo a qualquer momento que desejar, ou seja, foram dadas todas as informações que pudessem influenciar a decisão do participante colaborar ou não com a pesquisa. A assinatura do Termo de Consentimento Livre e

Esclarecido simbolizou então a permissão para a realização do estudo e da aplicação dos instrumentos, bem como para gravação das entrevistas que foram transcritas e analisadas.

Os dados coletados através dos instrumentos da pesquisa, especificamente da entrevista semi-estruturada foram gravados, transcritos literalmente e analisadas de acordo com a literatura específica, em especial através do modelo bioecológico de Bronfenbrenner. A análise de conteúdo de Bardin (2010) de cada uma das entrevistas passou pelos processos de seleção e exploração do material, uma pré-análise; posteriormente realizada a codificação; na sequência foram agrupadas as respostas das mães por temas; e por fim, feita a definição das categorias empíricas. Os dados coletados foram tabulados e interpretados e assim foram calculadas as estatísticas descritivas das categorias de resposta, em especial as frequências destas para auxílio da análise. O mesmo procedimento foi adotado com as demais informações relevantes obtidas, em virtude do instrumento não ser completamente fechado e possibilitar que as mães entrevistadas complementem suas falas com o que acharem necessário, mesmo que suas verbalizações não estejam conectadas às questões apresentadas anteriormente. As análises foram feitas separando os resultados em dois grupos, das Mães de filhos únicos e das Mães com mais filhos e posteriormente foram comparados os resultados.

Com relação ao Inventário de Práticas Parentais, foi criado um banco de dados em um programa estatístico, o *SPSS - Statistical Package for the Social Sciences*, e a medida das aplicações serem realizadas, foram digitadas as informações coletadas pelo instrumento marcadas pelas próprias mães e assim, a partir deste instrumento foi obtido o índice de estilo parental, que foi utilizado para auxiliar na análise das práticas parentais educativas.

Para esta etapa, inicialmente foi calculado a média geral das mães através do Inventário de Práticas Parentais das Mães de filho único (IPP-FU) e Mães com mais filhos (IPP-MF) e através do Teste Mann-Whitney, verificou-se se estas médias apresentam uma

diferença significativa entre a média global do envolvimento parental entre os grupos de mães.

Na sequência foram calculadas através do Teste *Mann-Whitney* as médias das mães de filhos únicos e das mães com mais filhos por área de abrangência, ou seja, os fatores do Inventário de Práticas Parentais: envolvimento social, envolvimento didático, envolvimento afetivo, envolvimento com disciplina e responsabilidade, para verificação nos dois grupos de uma possível diferença nas médias.

A utilização do Teste de *Mann-Whitney* para análise dos dados foi definida pela recomendação do uso de técnicas estatísticas não-paramétricas nos casos em que não é possível cumprir com todos os supostos paramétricos e nos quais se trabalha com variáveis ordinais e sua aplicabilidade em pequenas amostras. Esta justificativa encontra-se na afirmativa de Siegel (1975), que apresenta as técnicas não-paramétricas de provas de hipóteses como particularmente adaptáveis aos dados das ciências do comportamento. As provas obtidas nas análises para este autor são chamadas de “distribuição livre”, e um de seus méritos ao aplicá-las é que não é necessário fazer suposições sobre a distribuição da população da qual tenham sido extraídos os dados para análise, como neste caso das mães participantes, contatadas dos mais diversos meios.

Por fim, no término da coleta de dados, foram realizados os devidos agradecimentos pela contribuição e se possível, foi solicitado que as mães pudessem indicar outras mães para participar da pesquisa. Para este trabalho, o tempo médio de aplicação durou entre trinta minutos até uma hora, incluindo todos os procedimentos entre a apresentação da pesquisa até a indicação de outras mães.

6.3. Definição das Categorias de Estudo

A partir das transcrições das entrevistas, foi realizada uma “leitura flutuante” das falas produzidas pelas mães através da leitura e escuta do áudio das entrevistas diversas vezes, conforme a técnica da análise de conteúdo de Bardin (2010), como descrito anteriormente. A partir deste ponto foram elaboradas as Categorias a partir da Classe Temática: Metas de Socialização, tendo como base teórica para reflexão e visão de família, mas não necessariamente modelo de análise Bronfenbrenner (1996), que foi importante para a identificação dos temas principais e os principais interesses explicitados pelas mães participantes, procurando sempre não descartar os conteúdos verbais das mesmas.

Os resultados desta análise obtidos a partir do material coletado foram estudados de forma qualitativa e quantitativa. Os valores obtidos foram apresentados em frequências simples e porcentagens e as estatísticas descritivas apresentadas são referentes ao número de manifestações verbais obtidas através da análise do material transcreto. Os dados apresentados foram obtidos através da inferência e interpretação das verbalizações, conforme a literatura técnica apresentada neste trabalho. As informações presentes nas transcrições dos relatos foram decompostas em unidades menores de análise semântica e agrupadas por ideias semelhantes ou proximidades temáticas, presando pelo significado das palavras e das frases.

A identificação das categorias foi realizada através da pré-análise, onde o material foi organizado de modo a seguir as regras de exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência. Em sequência, as unidades de análise ou os temas foram estabelecidos. Na exploração do material, houve a decomposição dos dados em subcategorias de modo a terem pouca oportunidade de generalização. Por fim, a interpretação dos resultados foi realizada de forma quantitativa através da estatística descritiva e qualitativa a partir da literatura especializada a fim de comparar os dois grupos de mães.

6.3.1. Definição das categorias relacionadas às verbalizações maternas.

Categoria 1

Qualidades Esperadas pelas Mães de Filho Único

Qualidades Esperadas pelas Mães de Dois e Três Filhos

Esta categoria faz referência aos conteúdos que indicam as qualidades esperadas pelas mães, para seus filhos quando foram adultos.

Subcategorias da Categoria 1:

As verbalizações que procuravam enfatizar a importância do (a) filho (a) se tornar uma pessoa boa, honesta e que respeite as demais pessoas, seja esta criança, adulta ou idosa e à sua religião, foram agrupadas em: **Bom Caráter, Honestidade e Respeito.**

“Eu queria que ela fosse uma pessoa honesta verdadeira, uma pessoa que não mentisse, acho que basicamente isso”.

As falas que faziam referência a preocupação de que os filhos se tornassem pessoas conscientes de seus deveres e direitos perante a sociedade e que soubessem ser éticos foram colocadas na subcategoria: **Cidadania e/ou Ética.**

“Ser um bom cidadão, uma pessoa de bem e responsável pelos seus atos”.

Quando às verbalizações, citavam a importância da Educação Escolar e Profissional como um ponto importante para a formação enquanto adultos. Estas foram subcategorizadas em: **Êxito Educacional e/ou Profissional.**

“Sempre fosse uma boa menina como ela já é, fosse estudiosa e quando tiver adulta ter uma profissão né, é só”.

Na subcategoria: **Autonomia e/ou Iniciativa**, estão presentes as verbalizações que destacam a importância do desenvolvimento da autonomia dos filhos enquanto adultos e que assim fossem capazes de governar suas vidas e serem independentes.

“Eu gostaria que ele fosse decidido, fosse autônomo, tivesse iniciativa e tivesse clareza das coisas que ele quer, acho que é o principal assim”.

Na subcategoria **Afetividade**, estão presentes as falas maternas que destacam o desejo que seus filhos sejam adultos carinhosos e demonstrem afeto aos seus pais.

“Qualidades... Que fosse meigo, carinhoso, um bom filho. Né! Isso...”

Categoria 2

Métodos para Desenvolver as Qualidades Esperadas pelas Mães de Filho único.

Métodos para Desenvolver as Qualidades Esperadas pelas Mães de Dois a Três Filhos.

Nesta categoria estão presentes os conteúdos nas falas das mães que indicam que métodos elas realizam com o propósito de alcançar as metas de socialização verbalizadas na Categoria 1.

Subcategorias da Categoria 2:

As verbalizações que citavam a importância da Educação Escolar e Universitária como importantes para que os filhos pudessem desenvolver as qualidades esperadas foram colocadas na subcategoria: **Propiciar Educação Formal.**

“Que ele tenha uma boa educação... pra ele assim... orientar ele sempre das coisas que tem que procurar fazer, como estudar pra ele tentar se profissionalizar, cursar uma faculdade”.

Na subcategoria **Propiciar um bom ambiente em casa**, a referência está na qualidade do ambiente no lar, incluindo a interação familiar e no diálogo da família.

“...que ele perceba que o ambiente familiar é um ambiente assim..., uma casa seja realmente de família, que seja harmoniosa”.

As verbalizações que citavam a importância do ambiente lúdico, das brincadeiras com outras crianças foram agrupadas em: **Brincadeiras/ Convívio com outras Crianças.**

“Então assim é um ambiente familiar que favorece, eu incentivo ele a brincar, a ter convívio com outras crianças”.

Quando a mãe demonstrava que as atitudes dos pais são formadoras e exemplificam como elas são exemplo e demonstrem o caminho certo, como os filhos devem agir, além estabelecerem os limites, as regras para o bom comportamento, foram agrupados em: **Ensinar o caminho certo.**

“Eu acho que fundamental é o meu exemplo, eu acho que quando o pai passa o exemplo pros filhos aí fica mais fácil”.

A demonstração de afeto, a participação na vida diária da criança e a conversa entre pais e filhos foram destacadas na subcategoria **Dialogar, participar e ser afetuosa.**

“Acho que é o incentivo dos pais, a compreensão né, o carinho, dar atenção a ele e ajudar no que for necessário pra o desenvolvimento dele, cada vez ele ser uma pessoa de bem”.

Algumas mães demonstraram que é importante atribuir determinadas responsabilidades à criança de acordo com o seu desenvolvimento e que isso seria uma experiência formadora para que sejam os adultos esperados por elas. Isso foi enfatizado na subcategoria: **Ensinar a ter responsabilidade.**

“A partir do momento assim, que ele consiga realizar determinadas atividades de acordo com a idade dele, desde que faça na medida que ele for crescendo, que ele vá assumindo certas responsabilidades”.

A ênfase na importância da religião da família, seguir os preceitos de Deus e da Bíblia foram agrupados na subcategoria: **Educação religiosa.**

“Primeiro eu tenho que está sempre conversando, orientando, ensinando os princípios de Deus a ele, pra que ele já cresça com essa base e sempre tá do lado Dele”.

Categoria 3

Como os pais de filhos únicos decidem sobre a educação de seus filhos.

Como os pais de dois a três filhos decidem sobre a educação de sua prole.

Nesta categoria estão presentes os conteúdos referentes às verbalizações das mães sobre como em conjunto com os pais de seus filhos são tomadas as decisões de como deve ser a educação das crianças.

Subcategorias da Categoria 3:

Na subcategoria **Conversando e entrando em acordo**, as mães demonstraram como o diálogo é importante para que possam decidir a educação da prole, mesmo que não tenham as mesmas ideias.

“Agente conversa e tenta orientar assim fazendo orientações familiares, agentes faz uma reuniãozinha semanal discutindo algumas coisas”.

Quando um dos pais não está de acordo com uma atitude e decisão do outro e não interfere na frente das crianças a decisão tomada pelo cônjuge, as verbalizações foram colocadas na subcategoria: **Não interferindo na decisão do outro**.

“Agente decide o seguinte: quando um diz algo pra educação dele o outro não interfere, no caso se ele faz alguma coisa de errado, agente... se um reclama o outro não pode interferir”.

Os casais parentais que dividem as tarefas para decidir a educação de seus filhos, em que cada um do casal parental fica responsável pelas decisões de uma área da educação e o outro com a outra, a subcategoria determinada foi **Dividem as tarefas**.

“É em conjunto sempre quando tem alguma coisa pra que seja organizada... alguma coisa assim sempre agente senta conversa e a partir daí agente vê o que vai fazer com ele. Eu fico mais com a educação e ele com o lazer, o esporte”.

Quando um dos pais fica responsável em sua maioria pela educação dos filhos, a subcategoria pode ser **A mãe decide ou O pai decide**.

“Normalmente sou eu que decido né, como ele é uma pessoa muito ativa, uma pessoa extremamente ocupada então essa parte me cabe”.

“Ele é o principal, o homem da casa, ele toma as decisões”.

No caso dos genitores utilizarem de algum tipo de literatura específica como auxílio na tomada de decisões ou como modo de se informar acerca do desenvolvimento infantil, a subcategoria determinada foi: **Estudam sobre educação infantil**.

“Agente assim, já fez terapia né, então agente procura ler e se informar”.

Quando os pais não conversam entre si para tomar as decisões sobre a educação das crianças, as verbalizações foram subcategorizadas em: **Nunca conversam**.

“Pra dizer a verdade ele é bem ausente, meu esposo é bem ausente, pra ele tanto faz como tanto fez, agente não conversa sobre isso não”.

Em alguns casos a Avó materna apareceu nas verbalizações como fonte de decisão sobre a educação das crianças: **Avó materna decide**.

“... quem define o que e como ele vai fazer é minha mãe, tudo é ela é assim mesmo”.

Na subcategoria **Há contradição**, foram colocadas as verbalizações onde as mães relataram haver dificuldade de entrarem em acordo na hora de tomar decisões.

“Agente conversa, às vezes até em contradição, entra em conflito porque ele é muito rígido eu sou mais de conversar eu ainda assim, procuro mais entender ele, as dificuldades que ele tem, e o meus esposo é mais de impor né”.

No caso dos pais não estarem presentes no dia-a-dia dos filhos a subcategoria definida foi: **Não convivem muito com os filhos**.

“...meu esposo é bem ausente pra ele tanto faz como tanto fez, ele só vive trabalhando, nunca está com agente em casa”.

Categoria 4

Como os pais de filho único participam da educação do filho (a)

Como os pais de dois a três filhos participam da educação dos filhos (as)

Nesta categoria estão presentes as verbalizações das mães que se referem ao modo como o pai especificamente participa da educação das crianças.

Subcategorias da Categoria 4:

As verbalizações acerca de como os pais que possuem em seu dia-a-dia o hábito de conversarem com seus filhos, participarem de forma ativa da repreensão dos filhos quando agem de forma incorreta e os orientam de modo a explicar como devem agir e se comportar, foram colocados na subcategoria: **Conversa, repreende e orienta.**

“Ativamente. Ele orienta, ele conversa, ele orienta, ele briga quando tem que brigar, ele interfere na escola, ele vai na escola e conversa no colégio”.

Na fala das mães os pais também foram descritos como presentes nas atividades de Lazer, na prática de esportes e como participativos nas atividades lúdicas dos filhos, por exemplo, as brincadeiras: **Lazer/Espor te/Brincadeiras.**

“Sabe, ele passeia, leva para o lazer no final de semana, brinca bastante”.

Nas falas das mães onde o pai foi descrito como o responsável pelo transporte da criança para a escola e como participativo de reuniões escolares, estando sempre informado e acompanhando o rendimento escolar dos filhos, a subcategoria determinada foi: **Transporta e acompanha a Escola.**

“É tudo dividido até nos a fazeres, ele acompanha, leva pra escola, vê como tá se comportando”.

Ensinar a tarefa em casa é a subcategoria que agrupa as verbalizações que dizem respeito ao fato do pai ensinar e acompanhar as tarefas escolares, leitura de livros, estudos destinados às provas, etc.

“Ele é bem atuante, ajuda nas tarefas, quando tem algum problema de escola ele vai lá resolve também, ajuda nas provinhas, estudar as provinhas ele ajuda também”.

No caso dos relatos dos pais que auxiliam nos cuidados básicos das crianças, como dar banho, cuidar da higiene de um modo geral, vestir, alimentar, colocar para dormir, entre outras atividades, esta subcategoria foi denominada de **Cuidados diários**.

“Ele ajuda nas tarefas, tanto cuidar dele, botar ele pra dormir, dar comida”.

Quando os pais participam de forma afetuosa, demonstrando carinho e sendo relatado pelas mães, **É carinhoso/atencioso** foi a subcategoria determinada.

“Ele toma conta dela, de tomar conta mesmo de dar carinho, de dar atenção ele é aquele pai assim altamente brincalhão com ela então assim por participar é agente se completa muito nisso”.

No caso do pai descrito como **Distante**, foi aquele descrito como ausente por causa do trabalho e que por isso tem dificuldades de participar das atividades diárias dos filhos e se ausentar muito de sua residência, inclusive por viagens de trabalho.

“porque meu esposo viaja muito e não tem muito tempo pra tá presente aí eu faço o que posso e passo pra ele de qualquer forma, pra ele, mesmo que um pai distante ficar acompanhando também”.

7. Resultados e Discussão

Neste capítulo, os resultados das análises e suas respectivas discussões referentes às questões sócio demográficas e aos instrumentos acerca das Práticas Parentais Educativas e as Metas de Socialização são apresentados com o intuito de cumprir os objetivos propostos neste estudo. Inicialmente, serão apresentadas e discutidas as respostas ao questionário sócio demográfico, complementando a caracterização das participantes do estudo, bem como de suas famílias. Posteriormente, os resultados obtidos através da análise estatística do Inventário de Práticas Parentais serão apresentados, tanto por item do instrumento, quanto por fatores, os chamados tipos de envolvimento parental, comparando os dois grupos de mães. Na sequência, as respostas obtidas através do relato das mães à entrevista semi-estruturada serão apresentados e discutidos. Esse instrumento objetivou envolver as metas de socialização e suas respectivas categorias, incluindo as informações acerca de como o casal parental decide em conjunto a educação dos filhos e como o pai participa efetivamente deste processo. As informações serão apresentadas e discutidas de forma a identificar, comparar e conhecer as semelhanças e diferenças entre as mães com filho único e as mães com mais filhos.

7.1. Análise do questionário sócio demográfico

Inicialmente, uma análise descritiva foi utilizada para examinar as frequências e porcentagens das respostas dadas pelas mães para as questões presentes no questionário sócio demográfico (APÊNDICE A).

Participaram deste estudo 41 mães, com idades que variaram de 19 a 45 anos ($M = 33,05$; $DP = 1,05$), de classe sócio-econômica média, sendo 46,3% com Ensino Médio

Completo, 17,1% com Ensino Superior Completo e 36,6% com Ensino Superior Completo. As mães foram igualmente divididas em dois grupos, o primeiro de um total de 21 mães com um filho (51,2%) e o segundo grupo com 20 mães com dois filhos (12,2%) a três filhos (36,6%). contando com um total de 21 crianças do sexo masculino (51,2%) e 20 do sexo feminino (48,2 %). A faixa etária dos filhos está entre 4 anos e 6 meses a 7 anos e 9 meses ($M = 6,27; DP = 0,15$).

Tabela 1: Caracterização das Mães Participantes (N = 41)

VARIÁVEL	NÍVEIS	f	%
Nível de Escolaridade	Ensino Médio Completo	19	46,3
	Ensino Superior Incompleto	7	17,1
	Ensino Superior Completo	15	36,6
Sexo do Filho Estudado	Masculino	20	48,8
	Feminino	21	51,2
Número de Filhos	Um Filho	21	51,2
	Dois Filhos	15	36,6
	Três Filhos	5	12,2
Ordem de Nascimento do Filho Estudado	Filho único	21	51,2
	Primeiro filho	5	12,2
	Segundo filho	14	34,1
	Terceiro filho	1	2,4

A análise dos dados coletados a partir do questionário sócio demográfico das mães participantes demonstrou que estas estavam com idades entre 15 a 35 anos na época do nascimento de seu primeiro filho ($M = 24,68, DP = 0,80$). Um total de 68,3% das mães não têm intenção de ter mais filhos, sendo destas 11 mães de filho único e 17 com mais filhos;

29,3% aspiram ter mais um filho, 9 mães de filho único e 3 com mais filhos e 2,4% desejam mais dois filhos, sendo apenas uma mãe de filho único a responder desta forma (Tabela 2).

Tabela 2. Intenção das mães de terem mais filhos

	<i>Mães de Filho</i>		<i>Mães de Mais</i>		<i>Total</i>	
	<i>Único*</i>	<i>%</i>	<i>Filhos**</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
Não	11	52,4	17	85	28	68,3
sim, mais 1 filho	9	42,9	3	15	12	29,3
sim, mais 2 filhos	1	4,8	-	-	1	2,4
Total	21	100,0	20	100,0	41	100,0

NOTA:

* Colunas que representam a frequência e porcentagem referente às respostas especificamente das mães de filho único.

** Colunas que representam a frequência e porcentagem referente às respostas especificamente das mães de mais filhos (dois a três filhos).

Das mães entrevistadas, 43,9% possuíam Ensino Médio Completo e 36,6% são estudantes do ensino superior ou já graduadas. Percebemos que a porcentagem mais expressiva é de estudantes de pedagogia/pedagogas. Este dado se apresenta mais expressivo pelos contatos estabelecidos em escolas, o que favoreceu a maior frequência dentre os cursos declarados pelas entrevistadas. Evidencia-se que 7,3% das mães citaram administração e 4,9% ciências contábeis como os cursos relacionados a seu nível educacional superior. Os demais cursos foram: direito, medicina, terapia ocupacional, bioquímica, jornalismo, psicologia, letras, odontologia e serviço social, totalizando 2,4% cada curso.

O questionário era composto também por questões referentes à profissão que elas exerciam. Pode-se verificar que 17,1% trabalham como professoras primárias; 9,8% são mães que se dedicam ao lar; 7,3% são professoras universitárias; 4,9% são contadoras, manicures e escriturárias. As demais mães, em um total de 2,4%, declararam as profissões de médica,

pedagoga, securitária, técnica em enfermagem, recepcionista, estudante universitária, secretária, metre, cabeleireira, professora de reforço escolar, telefonista, operadora de caixa, bancária, jornalista, psicóloga, comerciante, dentista e arquivista.

Durante as entrevistas foi perguntado às mães sobre seus cônjuges/conviventes. As idades dos pais variaram entre 20 e 60 anos ($M = 37,12$, $DP = 1,3$). Pode-se verificar também que 39% dos pais possuem nível superior completo, 36,6%; 22% possuem superior incompleto e, finalizando, 2,4% possuem ensino médio incompleto, como apresentado na Tabela 3.

Tabela 3. Nível de Escolaridade do Pai

	<i>f</i>	%
Ensino Médio Incompleto	1	2,4
Ensino Médio Completo	15	36,6
Superior Incompleto	9	22,0
Superior Completo	16	39,0
Total	41	100,0

Na sequência da entrevista também foi questionado às mães sobre a situação acadêmica de seus esposos/conviventes. Do total, 39% dos pais possuem ou cursam uma graduação de ensino superior. Por ordem de recorrência verifica-se que 9,8% são da área de administração e 7,3% de direito. Cada um dos seguintes cursos pontuam 4,9% da tabela, quais sejam: engenharia elétrica, ciências contábeis, geografia, educação física, bioquímica e processamento de dados. Com 2,4% registrou-se os cursos de matemática, medicina veterinária, corretor imobiliário, jornalismo, economia e biblioteconomia.

As profissões exercidas pelos pais, assim como as das mães, possuem uma grande variedade. Destacam-se com 9,8% a profissão de empresários. Com 7,3% os policiais militares, comerciantes e motoristas. Com 4,9% as profissões de bancário, promotor de vendas e servidor público. Concluindo a tabela, com 2,4% de presença, as profissões de segurança, engenheiro elétrico, administrador, vendedor, aposentado, professor universitário, corretor de imóveis, instalador operacional, almoxarife, técnico em telecomunicações, eletricista, atendente judiciário, bioquímico, empilhador, delegado, técnico em informática, gerente de loja, gerente de terminal de internet, gerente de departamento de reposição e bombeiro.

Para finalizar a caracterização das famílias a partir dos dados coletados no questionário sócio demográfico, é apresentada na Tabela 4 a renda das famílias. Na tabela apresentada em sequência destaca-se que a maioria das mães, totalizando 53,4%, possui renda de 4 a 6 salários mínimos. 19,5% das mães possuem o salário de 1 a 3 salários mínimos, seguidos por 14,6% delas que contam com 7 a 11 salários mínimos mensais e 12,2% com mais de 11 salários mínimos.

Tabela 4. Renda familiar

	<i>f</i>	%
1 a 3 salários mínimos	8	19,5
4 a 6 salários mínimos	22	53,7
7 a 11 salários mínimos	6	14,6
Mais de 11 salários mínimos	5	12,2
Total	41	100,0

Para cumprir os objetivos propostos neste estudo, os resultados apresentados são referentes às questões sócio demográficas. As informações obtidas com esta pesquisa,

destinadas à caracterização das mães participantes e de seus cônjuges, revelaram que os dados obtidos estão em consonância com a literatura acerca do referido tema, comparando com os estudos/pesquisas anteriores (Banasich & Brooks-Gunn, 1996; Borlot & Trindade, 2004; Collucci, 2000; PNDS-2006). Essa consonância está relacionada à média de idade das mulheres com filhos que se elevou, como também em relação ao aumento do nível educacional do pai e da mãe, se comparada às duas décadas anteriores na realidade nacional. Esse aspecto é considerado como favorecedor da educação proporcionada aos filhos, em especial da elevação do nível educacional materno, confirmado pela caracterização da amostra, composta por mães com no mínimo o ensino médio completo (Bandeira et al., 2009; Collucci, 2000).

Com relação a estes dados, o nível educacional das mães apresentou-se com uma porcentagem inferior em comparação ao dos pais no ensino superior completo e incompleto. Contudo, um fator interessante a se destacar é que não houve dificuldade na pesquisa em encontrar mães com o nível educacional mínimo exigido. Observamos que boa parte das mães entrevistadas que possuíam apenas nível médio completo demonstravam interesse em continuar a estudar. Destaca-se também que 53,7% das mães, a maioria das respondentes, estão cursando ou possuem graduação em nível superior. Esse nível educacional materno pode ter influenciado as respostas aos instrumentos aplicados, em virtude de diversos cursos superiores e profissões das mães estarem relacionados à educação e saúde, facilitando o conhecimento acerca da educação infantil.

As profissões maternas mais expressivas foram a de professoras primárias e universitárias. Houve também mães que se declararam como “do lar” no momento da pesquisa. Notamos um fato interessante, pois muitas dessas mães encontravam-se como desempregadas no momento da entrevista, mas dedicando-se aos estudos ou informando que pretendiam retornar ao mercado de trabalho. Há ainda aquelas que estavam se preparando

para prestar concursos públicos e outras que estavam cursando enfermagem em nível técnico. Com relação aos cônjuges, as formações mais frequentes foram as de administração e direito, em conjunto com as profissões de empresário, policial militar, motorista e comerciante. Estas foram as profissões que posteriormente revelaram exigir bastante tempo da vida dos pais, fazendo com que estes passassem longos períodos fora de casa e distante dos filhos.

Um fator importante ainda a ser considerado sobre o exercício profissional dos pais é que as profissões de empresário e comerciante influenciaram nas descrições da renda familiar, em virtude de serem ocupações onde a renda varia muito, dependendo do tipo de comércio ou empresa e dos fluxos de vendas ou clientes. Por essa razão e pela variabilidade da renda, ou mesmo por desconhecerem os salários de seus esposos, as mães não souberam responder adequadamente a esta questão, respondendo somente por suas rendas individuais ou estimando o valor, mesmo que inferior ao que supunham ser a renda dos esposos. Contudo, não houve entrevista em que esta tenha sido declarada inferior a dois salários mínimos.

De acordo com Keller (2007) e Zamberlan (2002), as famílias com uma distribuição de renda ao menos de nível sócio-econômico médio, demonstram em geral serem mais responsivas e abertas para atender as necessidades das crianças, bem como são descritas como aquelas que possuem uma qualidade superior em educação formal. Esse nível educacional reflete em uma maior interação verbal com os filhos e auxilia no desenvolvimento da linguagem e assim na socialização das crianças. Isso se refletiu também na atitude tomada por todas as mães participantes desta pesquisa, que após o término da aplicação do estudo, fizeram perguntas, tiraram dúvidas, contaram situações que ocorriam em casa com os filhos e muitas vezes perguntaram sobre educação infantil, pedindo por indicações de livros sobre este tema.

Uma questão que mostrou reações e respostas bem diferentes por parte das mães, e algumas vezes dificuldade de respondê-la, foi sobre a intenção de ter mais filhos. A maioria das mães de filho único e dois a três filhos não desejam ter mais filhos e expuseram suas opiniões sem demora e quase que imediatamente à pergunta. Essa maioria expressiva de mães de filho único que não desejam aumentar sua prole corrobora com os dados de diversos autores sobre o fato da redução do tamanho médio das famílias nas últimas décadas (Borlot & Trindade, 2004; Collucci, 2000; Freitas, 2008; Tavares et al., 2004). A redução na taxa de fecundidade feminina nas últimas décadas se deve a diversas razões, desde a opção da mulher em se dedicar primeiramente aos estudos, à profissão, para depois formar família e ter filhos, até mesmo preferir ter apenas um filho, por razões financeiras para prover as melhores condições de desenvolvimento e aprendizagem possíveis.

Outro fato interessante a ser considerado é que muitas mães com um único filho, ao responderem que desejavam engravidar novamente, dificilmente realizariam esta intenção, principalmente pelas condições financeiras e de tempo para efetivamente proporcionar um cuidado de qualidade às crianças, confirmando os trabalhos de Keller (2007) e Zamberlan, (2002). Isso também foi observado nas mães com mais de um filho, sendo que a maioria possuía até o momento da pesquisa duas crianças. Neste caso, um fator interessante foi citado, como a saúde para gerar mais filhos e a própria idade das mães, que consideravam-se em uma idade já avançada para enfrentar novas gestações.

Houve também verbalizações acerca das mães terem crescido em famílias com grande número de integrantes e do reconhecimento dos benefícios do convívio entre um grande número de irmãos. Essa experiência se refletia no desejo das mães de proporcionar aos seus filhos crescerem nas mesmas condições, mesmo que na realidade, esta vontade não fosse efetivada. Esse tipo de resposta é confirmado por Oliveira (1995), que considera que as experiências individuais dos pais em seu próprio desenvolvimento influenciam em como os

pais pensam e proporcionam a educação dos filhos, em quesitos sobre as atitudes e posturas dentro do lar, como até mesmo a concepção do que é família para eles.

7.2. Inventário de Práticas Parentais

Para avaliar se há diferenças entre os dois grupos de mães, foi utilizado o Inventário de Práticas Parentais (IPP) de Benetti e Balbinotti (2003). Tal instrumento avaliou o envolvimento parental em cinco áreas: envolvimento afetivo, envolvimento didático, envolvimento social, envolvimento disciplinar e responsabilidade. O teste de *Mann-Whitney* foi utilizado para este fim, por ser a alternativa mais comum ao *Teste t* para amostras independentes, em razão de também ser utilizado para testar a hipótese nula deste estudo que afirma que as médias das mães são as mesmas para os dois grupos e não exigir que as populações tenham a mesma variância. As análises foram realizadas com a finalidade de verificar as diferenças tanto por cada sentença do Inventário de Práticas Parentais, o que significa avaliar as diferenças entre os dois grupos de mães quanto às práticas educativas (Tabela 5) e envolvimento parental (Tabela 6), bem como por tipo de envolvimento, que agrupam os itens por tipo prática parental educativa.

Tabela 5. Diferenças entre as Médias das Mães de filho único e mais filhos através do Teste *Mann-Whitney* em relação ao item (N=41).

Envolvimento		Mães	M	DP	U	p*
Social	Eu participo em jogos/atividades com meu filho(a)	filho único	2,38	1,12	197,0	0,726
		2 ou 3 filhos	2,50	1,05		
	Eu levo meu filho(a) para fazer compras comigo	filho único	4,38	7,91	185,5	0,508
		2 ou 3 filhos	2,30	0,92		
	Eu levo meu filho(a) para o parque	filho único	4,33	9,15	158,0	0,159
		2 ou 3 filhos	2,95	0,88		
	Eu vejo TV/escuto música com meu filho(a)	filho único	1,38	0,59	145,5	0,601
		2 ou 3 filhos	3,30	7,03		
Didático	Eu levo meu filho(a) ao cinema	filho único	3,00	1,38	158,0	0,164
		2 ou 3 filhos	3,60	1,27		
	Eu levo meu filho(a) comigo quando eu visito amigos	filho único	2,10	0,94	165,0	0,214
		2 ou 3 filhos	1,75	0,85		
	Eu leio livros (revistas) para meu filho(a)	filho único	2,76	1,26	191,0	0,611
		2 ou 3 filhos	2,55	1,32		
	Eu converso sobre assuntos que ela/ele precisa saber sobre a vida	filho único	1,67	1,02	194,0	0,644
		2 ou 3 filhos	1,70	0,80		
Disciplina	Eu ensino meu filho(a) as matérias que ele/ela não entende na escola	filho único	1,62	0,86	209,0	0,976
		2 ou 3 filhos	2,05	2,31		
	Eu converso com ela/ele sobre religião	filho único	1,90	1,09	204,0	0,867
		2 ou 3 filhos	1,95	1,10		
	Eu ajudo com os deveres escolares	filho único	1,43	0,68	209,5	0,987
		2 ou 3 filhos	1,55	1,00		
	Eu converso com meu filho(a) sobre o meu trabalho e as coisas que eu faço	filho único	2,24	1,26	189,0	0,567
		2 ou 3 filhos	2,30	0,92		
Afetivo	Eu grito com meu filho(a) quando ela/ele faz alguma coisa errada	filho único	2,48	1,12	183,5	0,473
		2 ou 3 filhos	2,80	1,20		
	Quando só falar não é suficiente eu dou palmadas no meu filho(a)	filho único	3,57	0,87	200,0	0,772
		2 ou 3 filhos	3,60	0,75		
	As conversas com meu filho(a) terminam em discussões	filho único	4,19	1,03	178,0	0,350
		2 ou 3 filhos	4,55	0,60		
	Eu ameaço que vou colocá-lo(a) de castigo mas termino não fazendo nada	filho único	3,90	1,14	205,5	0,902
		2 ou 3 filhos	3,85	1,18		

“continua”

“continuação”

Envolvimento	Mães	M	DP	U	p*
Afetivo	filho único	1,24	0,54	202,0	0,750
	2 ou 3 filhos	1,20	0,52		
	filho único	1,67	1,24	201,0	0,775
	2 ou 3 filhos	1,55	1,10		
	filho único	1,38	0,59	193,5	0,588
Responsabilidade	2 ou 3 filhos	1,30	0,57		
	filho único	1,05	0,22	188,5	0,275
	2 ou 3 filhos	1,15	0,37		
	filho único	1,19	0,51	210,0	1,000
	2 ou 3 filhos	1,15	0,37		
	filho único	1,24	0,54	176,0	0,253
	2 ou 3 filhos	1,45	0,69		
Social	filho único	1,29	0,64	200,5	0,731
	2 ou 3 filhos	1,30	0,57		

*p**≤0,05.

“conclusão”

Pode-se observar que não houve diferenças significativas entre as médias dos dois grupos de mães e, portanto, não houve diferenças significativas entre as práticas parentais delas, onde todas as médias e todas as variáveis mostraram-se aproximadas. Destacando-se os itens: do Envolvimento Social: *Eu levo meu filho(a) para o parque* ($p = 0,159$); *Eu levo meu filho(a) ao cinema* ($p = 0,164$); *Eu levo meu filho(a) comigo quando eu visito amigos* ($p = 0,214$); e Envolvimento Responsável: *Não importa a hora do dia eu sei onde meu filho(a) está* ($p = 0,275$); *Eu converso com meu esposo(a)/companheiro(a) sobre o futuro de meu filho(a)* ($p = 0,273$), que apresentaram um nível de significância mais aproximado de $p^* \leq 0,05$. Cabe também enfatizar que no item *Eu levo meu filho(a) ao médico quando necessário*, do Envolvimento responsável não demonstrou nenhuma diferença entre as mães.

Tabela 6. Diferenças entre as Médias de tipos de Envolvimento na educação proporcionado pelas MÃes de filho único e mÃes com mais filhos através do Teste Mann-Whitney (N=41).

Envolvimento	MÃes		<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>U</i>	<i>p*</i>
Social	filho único		2,93	2,61	163,5	0,223
	2 ou 3 filhos		2,73	1,18		
Didáctico	filho único		1,94	0,74	187,5	0,555
	2 ou 3 filhos		2,02	0,612		
Disciplina	filho único		3,56	0,73	191,0	0,618
	2 ou 3 filhos		3,67	0,63		
Afetivo	filho único		1,36	0,39	203,0	0,852
	2 ou 3 filhos		1,31	0,35		
Responsabilidade	filho único		1,19	0,34	159,0	0,149
	2 ou 3 filhos		1,26	0,28		

*p**≤ 0,05.

Na Tabela 6 foram apresentados os resultados referentes às análises das médias no Inventário de Práticas Parentais entre as mÃes de filho único e as mÃes com dois a trÃs filhos mais especificamente por tipo de envolvimento educativo com os filhos. Mais uma vez os resultados nÃo demonstraram diferenças significativas estatisticamente entre os dois grupos de mÃes. Contudo, destacam-se o Envolvimento Social (*p* = 0,223) e em especial de Responsabilidade (*p* = 0,149), como mais próximos, de *p**≤ 0,05.

As análises referentes às diferenças entre as médias dos dois grupos de mÃes, através do Inventário de Práticas Parentais indicam nÃo haver uma diferença estatisticamente significativa entre os dois grupos. Entretanto, pode-se notar que nos dois grupos de mÃes, mais especificamente aos itens que sÃo descriptivos de atividades sociais, que envolvem o passeio com o (a) filho (a) ao parque, ao cinema, à casa de amigos sÃo aqueles com o *p* mais baixo. Estas atividades implicam na divisão de atençÃo dos pais no caso daqueles que

possuem mais de um filho, necessitando de cuidados específicos de cuidado de cada criança, o que modifica a interação dos pais com a prole, até porque cada um apresenta uma personalidade própria, como aponta Hanushek (1992) e Marteleto (2002). Essa divisão de atenção e cuidado pode demonstrar o *p* mais próximo de 0,05, não confirmando estatisticamente uma diferenças de médias, mas que leva a uma reflexão sobre os itens. Isso também pode ser observado no Envolvimento Responsável, em especial aos itens que descrevem o conhecimento de onde o (a) filho (a) encontra-se durante o dia, e como as mães conversam com seus esposos/companheiros sobre o futuro do (a) filho (a).

Apesar das mães serem instruídas a responderem referente ao filho com a faixa etária descrita na pesquisa, elas demonstraram-se influenciadas pelos demais filhos, em especial por aqueles na adolescência. Neste aspecto pode-se inferir que quanto maior o número de filhos e caso haja uma grande diferença de idade entre eles, o controle sobre onde todos os filhos estão modifica-se, bem como o diálogo com o companheiro/esposo sobre os mesmos, pois cada um pode estar em um estágio do desenvolvimento completamente diferente (Bronfenbrenner, 1996; Coleman, 1988; Hanushek 1992; Marteleto, 2002; Reichert, 2006).

Essa questão acima pode ser relacionada à própria descrição de que a educação dos filhos recaí mais sobre a mãe (Cia et al., 2007; Diniz & Salomão, 2010) e que muitos pais foram descritos como ausentes e distantes no relato das mães. Quanto maior o número de filhos, mais tempo se necessita para discutir a educação de cada criança especificamente, mais tempo se dispende para um acompanhamento diferenciado e se não existe tanto a participação paterna, maior a responsabilidade sobre a mãe e maior a dificuldade de lidar com mais crianças. Nesse ponto, em relação ao tempo, Freitas (2008) e Freitas e Piccinini (2011) discutem que se pode supor que o tempo que a mãe e/ou pai despendem com os filhos varia, enquanto que os genitores de filho único não necessitam dividir seu tempo com mais filhos. Diferentemente dos pais que tem apenas um filho, os casais que tem ao menos o segundo

filho, especialmente a mãe, sente de forma mais latente a redução de tempo em função do cuidado de mais crianças. Ainda neste mesmo fator, acerca da responsabilidade, não houve diferenças entre os dois grupos de mães sobre levar o filho ao médico em caso de necessidade, pois esta é considerada como uma responsabilidade básica que exige prioridade diante das demais e não é ignorada pelas mães (Coleman, 1988).

Destaca-se também que estes índices influenciaram a análise de diferença entre médias por tipo de envolvimento, compostos pelos grupos de práticas parentais educativas correspondentes. Esta análise indicou não haver diferenças significativas estatisticamente, contudo, reflete-se que os itens que apresentaram um *p* mais baixo apontam para a reflexão de diferenças nos itens envolvimento social e de responsabilidade, influenciados pelos itens citados no parágrafo anterior. Estes dados são corroborados pelos estudos de Freitas (2008) e Freitas e Piccinini (2010) pesquisas que também não encontraram diferenças significativas com relação às Práticas Parentais entre mães de filho único e primogênito.

Não encontrar diferenças significativas entre as práticas parentais educativas em relação aos dois grupos de mães está de acordo com a ideia de que as práticas parentais não constituem um processo unilateral (Bronfenbrenner, 1996; Braz & Salomão 2002; Dessen& Costa Jr., 2005). Esse pensamento reside na variação que pode ocorrer de acordo com a situação em que existe um comportamento apresentado pela criança e a resposta interativa dos pais e vice-versa (Pacheco et al., 2008). Os estudos de Freitas (2008), Freitas e Piccinini (2010), Pereira e Piccinini (2011), apontam que a solução está em investigar as respostas parentais nas mais diversas situações. Desse modo, o número de filhos e a ordem de nascimento tornam-se apenas duas variáveis que devem ser consideradas, porém entre tantas outras, como a própria personalidade da criança, podem tornar-se determinantes nas práticas educativas parentais.

Levando em consideração essas trocas interativas entre os membros da família e sua importância para a compreensão das práticas educativas, reconhece-se seu mérito na formulação das expectativas e metas que os pais constituem a respeito dos filhos no desenvolvimento da criança (Biasoli-Alves, 2002; Bronfenbrenner, 1996; Harkness & Super, 1992; Keller, 2007). Neste sentido, este estudo procurou, também, investigar as expectativas para o futuro dos filhos refletidos nas metas de socialização e em como os genitores optam por educar seus filhos.

7.3. Análise da entrevista sobre Metas de Socialização

As respostas das mães na entrevista sobre metas de socialização trouxeram verbalizações que auxiliam na compreensão de como os valores são fundamentais para entender as formas de investimento parental para a educação dos filhos. Na sequência são apresentadas as categorizações das respostas das mães às questões do instrumento adaptado por Seidl-de-Moura et al. (2008), a partir da Análise de Conteúdo de Bardin (2010).

As qualidades esperadas pelas mães de filho único quando seu filho for adulto são apresentadas na Tabela 7, com um total de 80 Unidades de Análise. A subcategoria *Bom Caráter, Honestidade e/ou Respeito* destaca-se com 30,4% (38) das Unidades de Análise. Na sequência, destacam-se o *Êxito Educacional e/ou Profissional* 15,2% (19), seguidos por *Afetividade* 9,6% (12), *Autonomia e/ou Iniciativa* com 6,4% (8) e *Cidadania e/ ou Ética* com 2,4% (3).

Tabela 7. Categoria 1 – Qualidades Esperadas Pelas Mães de Filho Único

Classe temática	Categoria	Subcategorias	f	%
Metas de Socialização	Qualidades Esperadas pelas Mães	Bom Caráter, Honestidade e/ou Respeito	38	30,4
		Êxito Educacional e/ou Profissional	19	15,2
		Afetividade	12	9,6
		Autonomia e/ou Iniciativa	8	6,4
		Cidadania e/ou Ética	3	2,4
		TOTAL	80	100

*Respeito aos outros, à família e à religião.

Pode-se perceber que as qualidades esperadas pelas mães de dois e três filhos, totalizando 118 Unidades de Análise (Tabela 8), não se diferenciaram enquanto unidades de análise, sendo relativamente correspondentes as suas porcentagens e Unidades de Análise: *Bom Caráter, Honestidade e/ou Respeito* com 34,22% (29); *Êxito Educacional e/ou Profissional*, 33,04% (28); *Afetividade*, 33,04% (28); *Autonomia e/ou Iniciativa*, 21,24% (18) e seguidos por *Cidadania e/ou Ética*, 17,7% (15).

Tabela 8. Categoria 1 – Qualidades Esperadas Pelas Mães de Dois e Três Filhos

Classe temática	Categoria	Subcategorias	f	%
Metas de Socialização	Qualidades Esperadas pelas Mães	Bom Caráter, Honestidade e/ou Respeito*	29	34,22
		Êxito Educacional e/ou Profissional	28	33,04
		Afetividade	28	33,04
		Autonomia e/ou Iniciativa	18	21,24
		Cidadania e/ou Ética	15	17,7
		TOTAL	118	100

*Respeito aos outros, à família e à religião.

As metas de socialização analisadas com respeito à Categoria 1, referentes às qualidades esperadas pelas mães de filho único e também às mães de dois e três filhos, revelou inicialmente uma diferença numérica entre o número total de Unidades de Análise, entre as Mães de filho único e Mães com mais filhos, sendo superior no segundo grupo. Essa diferença de verbalizações pode ter sido influenciada pelas experiências anteriores com o(s) filho(s) mais velho(s), no caso da mãe com dois a três filhos (Freitas, 2008; Freitas & Picinnini 2010; Pereira & Picinini, 2011; Piccinini et al. 2007). Essas expectativas também podem ter sido elaboradas a partir da personalidade da própria criança e como ela se comporta atualmente, pois cada criança enfrenta, de acordo com Hanushek (1992), uma interação diferente com os pais.

Apesar de diferenças quanto ao número das verbalizações, as subcategorias apresentadas foram as mesmas, diferenciando-se apenas em sua distribuição. Os dados indicam que as mães de filho único relatam com mais frequência se preocupar com o *Bom Caráter, Honestidade e/ou Respeito* do que às mães com mais filhos. Isso ocorre provavelmente porque os filhos únicos recebem mais atenção dos pais e também tenham maior investimento econômico e afetivo dos genitores, em comparação aos filhos com irmãos, como citam Fernandes et al. (2007) e Tavares et al. (2004). O fato dos filhos únicos serem descritos como temperamentais e exigentes pode influenciar na preocupação dos pais com a formação do caráter até mesmo com o amadurecimento precoce das crianças, como afirmam os autores citados.

As demais Unidades de Análise, *Êxito Educacional e/ou Profissional, Afetividade, Autonomia e/ou Iniciativa e Cidadania e/ou Ética*, foram todas em uma frequência maior nas mães com mais filhos. Esse grupo de mães demonstrou em suas falas uma preocupação com a educação dos filhos e com seu futuro profissional, destacando-se a independência econômica no futuro. Esses relatos estão intimamente ligados à subcategoria *Autonomia e/ou Iniciativa*.

A própria autonomia é descrita em estudos (Biasoli-Alves, 2002; Diniz & Salomão 2010; Harwood, 2002; Keller, 1998; Prado et al., 2007) como estimuladas precocemente em culturas ocidentais e no Brasil. As mães brasileiras costumam estimular o individualismo, com o intuito de formar um adulto competitivo, que se realiza no campo profissional e desenvolve sua capacidade de produzir e de ser autônomo (Biasoli-Alves, 2002; Diniz & Salomão 2010; Prado et al., 2007).

Os autores Knafo e Plomin (2006a) descrevem o estímulo à autonomia e ao raciocínio como relacionados à empatia e à própria socialização das crianças por serem comportamentos pró-sociais por parte dos genitores. Essa preocupação com o nível educacional está relacionada, como citam Freitas (2008), Martelete (2002) e Minuchin (1985), ao fato de que quanto maior o número de filhos, não somente a condição financeira da família é dividida, mas também o apoio, o tempo de dedicação e acompanhamento individual de cada criança, o que está diretamente relacionado com o desempenho acadêmico e a autonomia individual infantil.

As Unidades de Análise com respeito à meta de socialização *Afetividade*, superior no grupo de mães com dois e três filhos, pode estar relacionada à forma como ocorrem as interações na casa e com a família, na divisão da atenção entre os filhos, refletindo diretamente na realização e bem-estar das crianças, como cita Hanushek (1992).

Quanto à preocupação com a *Cidadania e/ou Ética*, acredita-se que esta subcategoria está relacionada ao nível educacional das mães que predominantemente cursam ou concluíram os estudos de um curso superior e pela visão de mundo que este nível educacional proporciona. É uma visão que corrobora com a opinião de Keller (1998, 2007), em que as mães com nível educacional superior preocupam-se mais com os valores sociais e o papel dos seus filhos na sociedade, em comparação com as mães de nível educacional mais baixo. Essa

afirmação está de acordo com os relatos das mães que se preocupam com o conhecimento dos direitos e deveres de seus filhos perante outras pessoas e da comunidade.

Outra questão que pode estar relacionada ao passado dos próprios pais e que influenciam nas verbalizações das mães que se preocupam com a socialização de seus filhos e do bom convívio em sociedade, conforme Oliveira (1995), é o fato das crianças passarem muito tempo em casa e na escola, não participando tanto das atividades como brincar na rua ou nas proximidades de casa como em décadas anteriores. Uma mudança decorrida das características das capitais e dos grandes centros urbanos, locais em que os pais tornaram-se mais vigilantes por causa dos altos índices de violência. Por essa razão é que se justifica atividades como jogar *vídeo game*, participar de redes sociais, utilizarem a internet, terem se tornado mais comuns como formas de brincar do que as interações com outras crianças de sua idade, ao menos presencialmente. Essa preocupação fica refletida em como os pais pretendem desenvolver as expectativas almejadas em seus filhos enquanto adultos.

Os métodos que as mães de filho único utilizam para desenvolver essas qualidades esperadas apresentam-se na Tabela 9 com um total de 115 Unidades de Análise. No caso das mães de filhos únicos, destaca-se que estas desejam *Ensinar o caminho certo*, 33,9% (39); *Propiciar a Educação Formal*, 20% (23); *Dialogar, participar e ser afetuosa*, 17,4% (20); *Propiciar um bom ambiente em casa*, 14,8% (17); utilizar *Brincadeiras/Convívio com outras crianças* 7,8% (9); seguidos de *Ensinar a ter responsabilidade*, 4,4% (5) e a utilizar da *Educação religiosa*, 1,7% (2) para alcançar estes objetivos futuros.

Tabela 9. Categoria 2 – Métodos para Desenvolver as Qualidades Esperadas Pelas Mães de Filho   nico

Classe temática	Categoria	Subcategorias	f	%
Metas de Socializa��o	M��todes para desenvolver as qualidades esperadas	Ensinar o caminho certo	39	33,9
		Propiciar a Educa��o Formal*	23	20
		Dialogar, participar e ser afetuosa	20	17,4
		Propiciar um bom ambiente em casa	17	14,8
		Brincadeiras/ Convívio com outras crianças	9	7,8
		Ensinar a ter responsabilidade	5	4,4
		Educa��o religiosa	2	1,7
TOTAL			115	100

*Educa  o acadêmica e/ ou profissionalizante

As mães de dois a três filhos apresentaram as mesmas subcategorias, contudo em ordem diferente para descrever os m  todes utilizados por elas para alcançar as qualidades almejadas (Tabela 10). Com um total de 118 Unidades de Análise, destacam-se: *Ensinar o caminho certo*, 27,1% (32); *Propiciar a Educa  o Formal*, 24,6% (29); *Propiciar um bom ambiente em casa*, 21,2% (25); seguidos respectivamente por *Dialogar, participar e ser afetuosa*, 9,3% (11); *Ensinar a ter responsabilidade*, 6,8% (8), *Brincadeiras/ Convívio com outras crianças*, 5,9% (7); finalizando com *Educa  o religiosa*, 5,1% (6).

Tabela 10. Categoria 2 - M  todes para Desenvolver as Qualidades Esperadas Pelas Mães de Dois a Três Filhos

Classe temática	Categoria	Subcategorias	f	%
Metas de Socializa��o	M��todes para desenvolver as qualidades esperadas	Ensinar o caminho certo	32	27,1
		Propiciar a Educa��o Formal*	29	24,6
		Propiciar um bom ambiente em casa	25	21,2
		Dialogar, participar e ser afetuosa	11	9,3
		Ensinar a ter responsabilidade	8	6,8
		Brincadeiras/ Convívio com outras crianças	7	5,9
		Educa��o religiosa	6	5,1
TOTAL			118	100

*Educa  o acadêmica e/ ou profissionalizante

Os tipos de estratégias para desenvolver as metas de socialização citadas na segunda questão da entrevista, Categoria 2, nos dois grupos de mães foram as mesmas, mas a frequência das subcategorias foram diferentes e com Unidades da Análise muito próximas. As mães de filho único demonstraram que *Ensinar o caminho certo, Dialogar, participar e ser afetuosa* e as *Brincadeiras/Convívio com outras crianças* foram superiores aos das mães de dois a três filhos. Essa diferença pode residir no fato da atenção aos filhos únicos ser exclusiva e a referência para os filhos seja os próprios pais (Biasoli-Alves, 2002). Outro fator que pode influenciar essa diferença é o fato dos filhos únicos não terem irmãos para dividir o afeto e os momentos de interação brincadeiras com os pais. Também há as crianças que não brincam constantemente com outras da mesma faixa etária fora da escola e não possuem irmãos para interagir. Neste caso, as mães de filho único demonstraram compreender a importância de seus filhos socializarem-se com outras crianças e que isso faz parte do aprendizado necessário ao desenvolvimento infantil.

As subcategorias *Propiciar a Educação Formal, Propiciar um bom ambiente em casa, Ensinar a ter responsabilidade e Educação religiosa* obtiveram frequências maiores nas Unidades de Análises nas MÃes de mais filhos em comparação ao outro grupo. O destaque a estas subcategorias está relacionado à importância dada pelas mães à disciplina e a ensinar aos filhos as regras sociais, a importância de diferenciar o certo e o errado, estando relacionadas à qualidade do ambiente familiar para o desenvolvimento infantil (Bronfenbrenner, 1996; Dessen & Costa Júnior, 2005). Percebe-se também que a formação religiosa é um aspecto de menor destaque para o grupo de mães de filho único. A *Educação religiosa*, quando mencionada, referia-se aos preceitos e regras específicas de cada religião e do comportamento diário de cada pessoa, sendo referência de como se deve *Ensinar o caminho certo* e também de como vivê-lo.

Percebe-se que quanto maior o número de filhos, mais os pais tendem a ter dificuldade em conversar entre si sobre a educação das crianças e entrar em acordo, havendo uma maior frequência nas contradições presentes nas ideias sobre as atitudes e posturas que os pais e as mães devem tomar. A solução encontrada pelos pais foi não influir ou interferir nas atitudes, posturas e decisões tomadas diante dos filhos por um deles. Essa atitude é tomada apesar de muitas mães com mais filhos reclamarem da distância de seus cônjuges na educação das crianças durante as entrevistas. Em muitos relatos, o distanciamento paterno também foi descrito como “estratégico”, para que as mães possam assumir as decisões sobre a educação dos filhos, estando em concordância com os estudos de Diniz e Salomão (2010) e Keller (2007), onde a mãe é a figura de referência e decisória no cotidiano das crianças.

Quando questionadas a relatar como os pais e as mães decidiam sobre a educação das crianças, as verbalizações das mães de filho único que compuseram a Categoria 3 são apresentadas na Tabela 11, revelando as 94 Unidades de Análise, e o casal parental participa: *Conversando e entrando em acordo*, 37,23% (35); *Não interferindo na decisão do outro*, 20,21% (19); *Dividem as tarefas*, 18,09% (17); *A mãe decide principalmente*, 12,77% (12); *Estudam sobre Educação Infantil*, 6,38% (6), *Nunca conversam*, 4,26% (4); e *O pai decide*, 1,06% (1).

Tabela 11. Categoria 3 – Como os pais de filhos únicos decidem sobre a educação de seus filhos

Classe temática	Categoria	Subcategorias	f	%
Metas de Socialização	Como o casal decide a educação dos filhos	Conversando e entrando em acordo	35	37,23
		Não interferindo na decisão do outro	19	20,21
		Dividem as tarefas	17	18,09
		A mãe decide	12	12,77
		Estudam sobre Educação Infantil	6	6,38
		Nunca conversam	4	4,26
		O pai decide	1	1,06
TOTAL			94	100

Na Tabela 12 estão presentes as 107 Unidades de Análise que são referentes a como os casais parentais de dois e três filhos decidiam a educação de suas crianças. Destaca-se que em sua maioria 56,07% (60) é referente às decisões tomadas entre o casal parental *Conversando e entrando em acordo*, na sequência, observa-se que *Há contradição*, 19,63% (21); entre os pais, *A mãe decide principalmente*, 9,35% (10); *Dividem as tarefas*, 5,61% (6); *Não convivem muito com os filhos*, 4,67% (5); a *Avó materna decide*, 3,74% (4); e finalmente, *O pai decide*, 0,93% (1).

Tabela 12. Categoria 3 – Como os pais de dois a três filhos decidem sobre a educação de sua prole

Classe temática	Categoria	Subcategorias	f	%
Metas de Socialização	Como o casal decide a educação dos filhos	Conversando e entrando em acordo	60	56,07
		Há contradição	21	19,63
		A mãe decide	10	9,35
		Dividem as tarefas	6	5,61
		Não convivem muito com os filhos	5	4,67
		Avó materna decide	4	3,74
		O pai decide	1	0,93
TOTAL			107	100

As mães participantes quando questionadas como decidiam em conjunto com seu esposo/companheiro a educação de seus filhos revelaram que há diferenças entre os dois grupos de mães na Categoria 3. As mães de filho único dividem mais as tarefas com os pais de seus filhos, procuram não interferir na decisão tomada pelo companheiro e estudam sobre educação infantil para tomar decisões, indicando a influência do nível educacional materno na educação das crianças (Bandeira et al., 2009; Benasich & Brooks-Gunn, 1996). Deve-se destacar que segundo Gomide (2003, 2007) e Knafo e Plomin (2006b), quanto mais os pais

demonstram comportamentos afetivos positivos, principalmente os se possuem mais de um filho, os comportamentos apresentados pelas crianças costumam ser melhores.

A procura por uma literatura específica reflete o fato das mães relatarem que procuram informações sobre educação e desenvolvimento infantil para auxiliar nas decisões em conjunto com os pais no dia-a-dia. É interessante discutir que a maior parte dos cursos de nível superior das mães envolvem as áreas de educação ou saúde sendo o conteúdo acerca do desenvolvimento presente nas grades curriculares, o que pode ter despertado o interesse delas na área, reforçados pela própria maternagem. Isso não significa que estas sejam em suas profissões ou durante seus cursos exímias conhecedoras da temática, porém, demonstra que elas devem saber onde procurar informações de qualidade, atualizadas e confiáveis. Isso se reflete pelas habilidades educativas adquiridas tanto pelas mães através de seus estudos formais e pela procura por informações atualizadas, além do fácil acesso na atualidade a uma grande variedade de textos e informações através da internet.

As subcategorias *A mãe decide, Nunca conversam*, corroboram com o estudo de Diniz e Salomão (2010), que demonstram que os cuidados com os filhos ainda é particularmente atribuídas às mães. Isso pode ser verificado com Unidades de Análises próximas nos dois grupos de mães, citando que a educação dos filhos é decidida por elas. Em ambos os grupos, apenas uma mãe de cada grupo informou que o pai é quem decide principalmente a educação das crianças. Nas subcategorias das mães de mais filhos, foram superiores as frequências demonstrando que o casal parental entra em acordo sobre a educação dos filhos, todavia também demonstra que há contradição, quando o pai e a mãe possuem opiniões diferentes. Há ainda os pais que não convivem muito com seus filhos devido ao tipo de profissão que exercem e ao tempo que dispendem no trabalho preocupados com as condições financeiras da família (Hanushek, 1992; Zambelan, 2002).

Uma subcategoria que merece destaque é a participação da avó na decisão acerca da educação das crianças, de forma peculiar no caso das mães com mais filhos. Essa subcategoria faz referência às relações em torno da família, à família estendida e aos sistemas que fazem parte das interações das crianças (Bronfenbrenner, 1996; Bronfenbrenner & Morris, 1998). No caso da avó materna, ela é considerada como uma rede de apoio da mãe para educação de seus filhos. Dessen e Braz (2000) revelaram que as famílias brasileiras que possuem entre um a quatro filhos costumam utilizar das redes de apoio de forma positiva para lidar com as mudanças do ambiente familiar. As redes de apoio estão relacionadas ao apoio psicológico, físico, às orientações como alimentação e cuidados, uma área onde se espera domínio e conhecimento prévio por parte das avós, consideradas importantes para consulta e ajuda (Dessen & Braz, 2000; Pereira, Picinnini, 2011; Piccinini et al., 2007).

A respeito de como os pais participam da educação de seus filhos, obteve-se 93 Unidades de Análise, apresentadas na Tabela 13, a respeito da Categoria 4, referente aos pais de filho(a) único(a). Nas subcategorias apresentadas percebe-se que com 29,03% (27) os pais participam *Conversando, repreendendo e orientando* os filhos, também com 29,03% (27) eles participam no *Lazer/Espor te/Brincadeiras*, na sequência das unidades de análise, são apresentados *Transporta e acompanha a Escola*, 17,20% (16); *Ensina a tarefa de casa*, 10,75 (10); *Cuidados diários*, 7,53% (7); *É carinhoso/atencioso*, 5,38% (5) e *Distante* 1,08% (1).

Tabela 13. Categoria 4 – Como os pais de filhos únicos participam da educação do filho (a)

Classe temática	Categoria	Subcategorias	f	%
Metas de Socialização	Como o casal decide a educação dos filhos	Conversa, repreende e orienta	27	29,03
		Lazer/Espor te/Brincadeiras	27	29,03
		Transporta e acompanha a Escola	16	17,20
		Ensina a tarefa em casa	10	10,75
		Cuidados diários*	7	7,53
		É carinhoso/atencioso	5	5,38
		Distante	1	1,08
TOTAL			93	100

*Cuida da alimentação, higiene, dá banho, veste, etc.

Também da Categoria 4, a Tabela 4, traz as informações acerca das 96 Unidades de Análise sobre como os pais de dois a três filhos participam da educação de sua prole. Com maior frequência, com 21,87% (21) a subcategoria *Lazer/Espor te/Brincadeiras* apresenta-se com maior destaque, seguidos por *Conversa, repreende e orienta*, 18,75% (18); *Distante*, não sendo ativo 18,75% (18), *Transporta e acompanha a Escola*, 15,62% (15); *Ensina a tarefa de casa*, 10,42% (10), *Cuidados diários*, 9,38% (9) e *É carinhoso/afetuoso*, 5,21% (5).

Tabela 14. Categoria 4 – Como os pais de dois a três filhos participam da educação dos filhos (as)

Classe temática	Categoria	Subcategorias	f	%
Metas de Socialização	Como o casal decide a educação dos filhos	Lazer/Espor te/Brincadeiras	21	21,87
		Conversa, repreende e orienta	18	18,75
		Distante	18	18,75
		Transporta e acompanha a Escola	15	15,62
		Ensina a tarefa em casa	10	10,42
		Cuidados diários*	9	9,38
		É carinhoso/atencioso	5	5,21
TOTAL			96	100

*Cuida da alimentação, higiene, dá banho, veste, etc.

Pode-se perceber que com referência às Unidades de Análises e as subcategorias para cada categoria de análise não houve grandes diferenças quanto ao tipo de subcategoria, apenas na forma como suas frequências foram apresentadas, o que também se reflete na porcentagem referente à sua Estatística descritiva.

Na Categoria 4, referente a como os pais participam efetivamente da educação dos filhos, o número de Unidades de Análise foi bastante próximo demonstrando que os pais de filho único são mais participativos nas subcategorias *Conversar, repreender e orientar*, relacionadas a autoridade do pai e são responsáveis pelo *Lazer* no fim de semana, pela prática de *Esportes* e pelas *Brincadeiras* em casa (Diniz & Salomão 2010; Freitas & Piccinini, 2010; Keller, 2007, 1998). A frequência destas subcategorias nos pais de mais filhos foi expressiva, estando de acordo com a literatura específica supracitada que indica que o pai está mais participativo, mas sua atuação na educação dos filhos está relacionada à pessoa responsável pelas atividades que necessitam de tempo e dinheiro como o lazer, levar aos filhos à praça para prática de esportes e às brincadeiras dentro e fora de casa. Em relação à figura de autoridade do pai, a mãe apresenta-se como a primeira referência e se necessário o pai é solicitado pela mãe para ajudar e somente depois das tentativas dela regular o comportamento das crianças.

As subcategorias *Transporta e acompanha a escola; Ensina a tarefa de casa, Cuidados diários; É carinhoso/atencioso*, trazem as informações referentes aos pais que tem efetivamente participado da educação dos filhos, mas em uma frequência menor que as citadas anteriormente. Sendo ainda predominante a figura da mãe como maior detentora das responsabilidades educacionais das crianças, como atestado por Diniz e Salomão (2010).

Dante do exposto pode-se perceber que apesar de não haver evidências estatísticas significativas entre as práticas parentais educativas e as metas de socialização, a análise qualitativa nos indica uma diferença entre os aspectos sociais e de responsabilidade sobre a

criação dos filhos entre as mães de filho único e mães de dois e três filhos, bem como demonstra a importância do nível educacional, em especial da mãe e de sua profissão para como esta educação é proporcionada aos filhos. As mães continuam sendo a maior referência na educação dos filhos e tem procurado dialogar com eles e com os pais para decidir como proceder no dia-a-dia. Preocupam-se com o desenvolvimento de seus filhos, procurando estimulá-los com o brincar e o lazer. Tomam cuidados com o desenvolvimento da educação formal e estimulam a autonomia das crianças.

Apesar da hipótese inicial de haver diferença entre as metas de socialização e as práticas parentais apresentadas nos instrumentos utilizados não ter sido confirmada de forma significativa, a discussão deste estudo demonstra que a interação dos pais com os filhos não ocorre de forma unilateral, atendendo a ideia de bidirecionalidade (Bronfenbrenner, 1996), independendo do tamanho da família, seja ela nuclear ou estendida e do número de filhos. As influências ocorrem havendo contribuição de todos aqueles que estão envolvidos no convívio diário e na educação das crianças, incluindo a rede de apoio, como evidenciado neste estudo pela participação da avó materna nas decisões educativas. As atitudes e decisões educacionais são tomadas de forma individual para cada criança, mesmo que haja influências da ordem de nascimento, idade, personalidade e outras características. A família, portanto, funciona de acordo com as interações e decisões estabelecidas e como estas são tomadas definem a forma de funcionamento familiar.

A qualidade interativa para o desenvolvimento infantil e a importância da maternagem é evidenciada pelo estudo de Zambelan (2002) que demonstra porque o nível educacional das mães foi definitivo para demonstrar que as práticas de cuidado e interação verbal influenciaram no desenvolvimento linguístico das crianças. Quanto maior o nível educacional das mães, mais rápido e melhor é o desenvolvimento da linguagem das crianças. Esse tipo de

desenvolvimento influenciará nos anos seguintes na interação das crianças com outras pessoas e facilitará o processo de socialização e educação dos filhos.

Com relação ao pai, como afirmam Fonsêca e Salomão (2006) assim como a mãe, o pai é um personagem importante no desenvolvimento infantil, de modo particular, na área linguística, sendo que há uma complementariedade no papel dos genitores no desenvolvimento infantil, porquanto eles promovem situações e conhecimentos distintos. Portanto, o pai também influencia na qualidade do desenvolvimento linguístico e de comunicação da criança.

Quanto mais positivas as práticas educativas segundo Gomide (2003, 2005, 2007), melhores serão as interações familiares e isso será refletido nas expectativas e metas estabelecidas para a prole. Sem deixar de mencionar a importância do trabalho em conjunto entre o pai e a mãe, mesmo que cada um tenha uma função definida, melhor será a educação proporcionada e melhores serão os resultados obtidos com os filhos, independente do tamanho da família. Essa questão é comprovada pelos estudos de Bolsoni-Silva e Maturano (2002), Bolsoni-Silva et al., (2008) e Dell Prette e Dell Prette (2005, 2009), que concluem que promovendo habilidades sociais e educativas entre pais e filhos pode-se prevenir e reduzir os problemas de comportamento apresentados pelas crianças, evitando dificuldades na escola e na socialização das crianças na infância e posteriormente na adolescência.

Apesar das mudanças que têm ocorrido com a família, desde a redução do número de filhos, a separação do casal parental, aumento das famílias monoparentais, adiamento da gravidez, pais que se casaram novamente, etc. (Collucci, 2000; Tavares et al., 2004), as práticas educativas e as metas de socialização estão dentro de uma questão muito maior. O desenvolvimento dos filhos através da paternagem e maternagem ocorre de forma bidirecional e são influenciados pelas mais diversas variáveis, mas a qualidade deste desenvolvimento está intimamente relacionada ao tipo educação proporcionada pelos pais e

pelas práticas educativas, que refletirão no desenvolvimento saudável das crianças e na formação de indivíduos socializados e com os valores e comportamentos estimulados pelos pais.

8. Considerações finais

O objetivo deste estudo foi averiguar se existem diferenças nas metas de socialização e práticas parentais educativas entre mães de filho único e mais filhos. Para tanto, procurou-se neste trabalho verificar as metas, estratégias e práticas educativas valorizadas na criação dos filhos.

Pode-se observar que o nível educacional das mães indicou que elas têm procurado informações especializadas para tomar decisões a respeito da educação proporcionada no lar. Entretanto, não foi possível verificar diferenças significativas estatisticamente quanto à análise das respostas referentes ao Inventário de Práticas Parentais. Contudo, as metas de socialização têm demonstrado que os aspectos sociais e de responsabilidade, como levar os filhos para atividades como lazer, conversar, passear, são mais frequentes nos pais de filho único. Este fato foi demonstrado pela maior frequência em subcategorias relacionados aos aspectos sociais e de responsabilidade de cuidado dos pais para com os filhos na entrevista sobre metas de socialização.

É importante salientar que as mudanças sociais também nos tipos de família (Collucci, 2000; Tavares et al., 2004), dificultaram a coleta de dados desta pesquisa. A pesquisadora encontrou um grande número de casais divorciados com filhos na faixa etária a ser pesquisada. Além disso, um grande número de famílias monoparentais, chefiadas pelas mães foi encontrado, bem como de mães casadas novamente e com filhos de um novo esposo.

Devem-se considerar as questões metodológicas e limitações do presente estudo. A desejabilidade social (Anastasi & Urbina, 2000), muito discutida como influência nos estudos dentro da psicologia social, pode ter influenciado as respostas das participantes, aumentando a tendência de respostas socialmente aceitas. Outra questão que pode ter interferido no estudo

é a própria limitação dos instrumentos utilizados, compreendendo que as práticas educativas e as metas de socialização são constituídas na reciprocidade das relações estabelecidas no ambiente familiar entre pais e filhos. Os instrumentos utilizados podem não ter sido sensíveis o suficiente para avaliar a dinâmica entre as partes, por levar em consideração apenas o relato da mãe.

O uso de uma entrevista semi-estruturada, com a possibilidade de o entrevistado ter liberdade para complementar com dados que não estejam inseridos nas questões previamente estabelecidas, pode não ter sido suficiente, compreendendo que as respostas são momentâneas e muitas vezes as mães, ao término da entrevista, chegaram a relatar que poderiam ter falado mais, ou não ter se agradado da própria fala.

Outra limitação da pesquisa está relacionada à impossibilidade de comparação entre o comportamento relatado pelas mães com o comportamento realmente apresentado no cotidiano das famílias. Por essa razão, sugere-se que análises futuras possam ser realizadas com estudos observacionais entre o comportamento dito e o apresentado, de forma a confirmar os resultados obtidos, pois as habilidades educativas e comunicativas dos pais constituem-se em um importante meio de prever e diminuir os problemas de comportamento das crianças (Bolsoni-Silva & Maturano 2002). Além disso, as práticas educativas positivas como o diálogo e o acompanhamento diário das crianças elevam os comportamentos pró-sociais e desejados pelos pais nos filhos.

Enfatiza-se a importância neste momento de um número maior de pesquisas que envolvam também o pai, tendo em vista que o papel dos genitores e o modo como estes interagem com seus filhos é imprescindível para o desenvolvimento infantil. Os estudos acerca desta temática contribuem para o entendimento das relações estabelecidas no núcleo familiar e assim auxiliam na compreensão das relações externas, em sociedade, pois os moldes da socialização humana foram estabelecidos neste nicho de desenvolvimento que é a

família, bem como sua evolução com o tempo e com as mudanças sociais e culturais vigentes.

As informações fornecidas com este estudo revelam que as diferenças entre os dois grupos de mães estão relacionados aos aspectos sociais e de responsabilidade, este trabalho contribui para a reflexão do tema. Propõe-se que novos estudos sejam realizados, sugerindo-se um número maior de participantes, com o intuito de uma análise quantitativa mais efetiva, bem como realizar análises a respeito da influência do gênero na educação proporcionada aos filhos. Deve-se destacar também que a fala paterna se constitui em um importante aspecto a ser analisado e pesquisas futuras que possam envolver o casal parental e poderão fornecer um excelente parâmetro de comparação entre as práticas educativas específicas de cada um. Desse modo, a família, que vem se modificando ao longo dos anos, constitui-se como base para a sociedade como afirma Bronfenbrenner (1996), e seu estudo continua sendo fundamental para compreender as mudanças sociais, bem como compreender como estas mudanças alteram o desenvolvimento humano.

9. Referências

- Anastasi, A., & Urbina, S. (2000). *Testagem psicológica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Andeweg. R. B. & Van Den Berg, S. B. (2003). Linking birth order to political leadership: the impact of parents of sibling interaction. *Political Psychology*, 24(3), 605-623.
- Bandeira, T. T. A.; Seidl de Moura. M. L. & Vieira, M. L. (2009). Metas de Socialização de Pais e Mães para seus Filhos. *Revista Brasileira Crescimento Desenvolvimento Humano*; 19(3): 445-456.
- Bardin, L (2010). *Análise de Conteúdo* (L.A. Antero & A. Pinheiro, trads.). Lisboa: Edições 70.
- Benasich, A. A. & Brooks-Gunn, J. (1996). Maternal attitudes and knowledge of childrearing: associations with family and child outcomes. *Child Development*, 67, 1186-1205.
- Benetti, S. P. & Balbinotti, M. A. (2003). Elaboração e estudo de propriedades psicométricas do Inventário de Práticas Parentais. *Psico-USF*, 8 (2), 103-113.
- Biasoli-Alves, Z. M. M. (2002). A questão da disciplina na prática de educação da criança, no Brasil, ao longo do século XX, *Veritati*, 2 (2), 243-259.
- Biasoli-Alves, Z.M.M., Caldana, R.H.L. & Dias da Silva, M.H.G.F. (1997). Práticas de educação da criança na família: a emergência do saber técnico-científico. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 7, 49-62.

Bolsoni-Silva, A. T. (2000). *Problemas de comportamento e comportamentos socialmente adequados: sua relação com as habilidades sociais educativas de pais*. Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

Bolsoni-Silva, A. T., Marturano, E. M., Pereira, V. A., Manfrinato, J. W. S. (2006). Habilidades sociais e problemas de comportamento de pré-escolares: Comparando avaliações de mães e de professoras. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19 (3), 460-469.

Bolsoni-Silva, A. T., Silveira, F. F., & Maturano, E. M. (2008). Promovendo habilidades sociais educativas parentais na prevenção de problemas de comportamento. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, X, pp. 125-142.

Borlot, A. M. M. & Trindade, Z. A. (2004). As tecnologias de reprodução assistida e as representações sociais de filho biológico. *Estudos de Psicologia*, 9, 63-70.

Braz, M. P., Dessen, M. A., & Silva, N. L. (2005). Relações conjugais e parentais: uma comparação entre famílias de Classes Sociais Baixa e Média. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 18 (2), pp. 151-161.

Braz, F. S. & Salomão, N. M. R. (2002). A fala dirigida a meninos e meninas: um estudo sobre o input materno e suas variações. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 15, 333-344.

Bronfenbrenner, U. (1977). Toward an experimental ecology of human development. *American Psychologist*, 32, 513-531.

Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Bronfenbrenner, U. & Morris, P. (1998). The ecology of developmental processes. In. R. M. Lerner & Damon, W. (Org.). *Handbook of child psychology, 1*, (p.993-1027). New York: John Wiley & Sons.

Carvalho, I. M. M. de & Almeida, P. H. (2003). Família e proteção social. *São Paulo em Perspectiva, 17*, 109-122.

Cecconello, A. M., De Antoni, C., & Koller, S. H. (2003). Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar. *Psicologia em Estudo, 8*, pp. 45-54.

Cia, F., Pereira, C. d., Del Prette, Z. A., & Del Prette, A. (2007). Habilidades sociais das mães e envolvimento com os filhos: um estudo correlacional. *Estudos de Psicologia, 24* (1), pp. 3-11.

Cole, M. & Cole, S. R. (2004). *O Desenvolvimento da criança e do adolescente*. Porto Alegre: Artmed.

Coleman, J. (1988). Social capital in the creation of human capital. *American Journal of Sociology, 94*, 95-S120

Collucci, C. (2000). *Quero ser mãe: histórias reais de mulheres que engravidam com a ajuda da ciência*. São Paulo: Palavra Mágica.

Crepaldi, M. A., Andreani, G., Hammes, P. S., Ristof, C. D. & Abreu, S. R. (2006). A participação do pai nos cuidados da criança, segundo a concepção das mães. *Psicologia em Estudo, 11*, 579-587.

Darling, N. & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: Na integrative model. *Psychological Bulletin, 113*, 487-496.

Dell Prette, Z. A. P. & Dell Prette, A. (2005). *Psicologia das Habilidades Sociais na Infância*. Petrópolis: Vozes.

Del Prette, Z.A.P. & Del Prette, A. (Orgs.), (2009). *Psicologia das habilidades sociais: Diversidade teórica e suas implicações*. Petrópolis: Vozes.

Dessen, M. A. da S. C. (1984). Interação pais-primogênito quando da chegada de uma segunda criança na família: Um estudo de caso. *Psicologia, 10*(2), 27-39.

Dessen, M. A. da S. C. (1985). Considerações sobre variáveis envolvidas na interação pais-criança. *Psicologia Teoria e Pesquisa, 3*, 215-226.

Dessen, M. A. da S. C. (1997). Desenvolvimento familiar: transição de um sistema triádico para poliádico. *Temas em Psicologia, 3*, 52-61.

Dessen, M. A. & Braz, M. P. (2000). Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 16*(3), 221-231.

Dessen, M. A. & Costa Júnior. (2005) *A Ciência do Desenvolvimento Humano: Tendências atuais e perspectivas futuras*. Porto Alegre: Artmed.

Dessen, M. A. & Mettel, T. P. (1984). Interação pais-primogênito quando da chegada de uma segunda criança na família. *Psicologia, 10*, 27-39.

Diniz, P. K. C., & Salomão, N. M. R. (2010). Metas de socialização e estratégias de ação. *Paidéia, 20*(46), 145-154.

Easterbrooks, M. A. & Goldberg, W. (1984). Toddler development in family: impact of father involvement and parenting characteristics. *Child Development, 54*, 740-752.

- Fernandes, O. M., Alarcão, M. & Raposo, J. V. (2007). Posição na fratria e personalidade. *Estudos de Psicologia. Campinas*, 24(3), 297-304.
- Fonsêca, Patrícia Nunes da, & Salomão, Nádia Maria Ribeiro. (2006). Contingência semântica das falas materna e paterna: uma análise comparativa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(1), 91-97.
- Freitas, A. P. C. de O. (2008). *Práticas educativas parentais em relação ao filho único em famílias com dois filhos*. Dissertação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Freitas, A. P. C. de O. & Picinnini, C. A. (2010). Práticas educativas parentais em relação ao filho único e ao primogênito. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 27(4), 515-528.
- Gomide, P.I.C. (2003). Estilos Parentais e comportamento anti-social. In A. Del Prette & Z. Del Prette (Orgs.). *Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem: questões conceituais, avaliação e intervenção (21-60)*. Campinas: Alínea.
- Gomide, P. I. C. (2006). *Inventário de Estilos Parentais. Modelo Teórico: Manual de aplicação, apuração e interpretação*. Petrópolis: Vozes.
- Gomide, P. (2007). Estilos parentais e comportamento anti-social. In A. Del Prette e Z. Del Prette. (2003). *Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem: Questões conceituais, avaliação e intervenção*. Campinas: Editora Alínea.
- Grigorenko, E.L. & Stenberg, R.J. (2000). Elucidating the etiology and nature of beliefs about parenting styles. *Developmental Science*, 3(1), 93-112.
- Hanushek, E. A. (1992). The Trade-off between child quantity and quality. *The Journal of Political Economy*, 100, 84-117.

- Harkness, S., & Super, C. M. (1994). Developmental niche: a theoretical framework for analyzing the household production of health. *Social Science and Medicine*, 38, 219-226.
- Harwood, R. L. (1992). The influence of culturally derived values on anglo and puerto rican mothers' perceptions of attachmet behavior. *Child Development*, 63, 822-839.
- Harwood, R. L., Scholmerich, A., Ventura-Cook, E., Schulze, P. A. & Wilson, S. P. (1996). Cultural and class influences on anglo and puerto rican mothers' beliefs regarding long-term socialization goals and child behavior. *Child Development*, 67, 2446-2461.
- Hastings P. (2005). Links among gender, inhibition, and parental socialization in the development of prosocial behavior. *Merrill-Palmer Quarterly*, 51(4): 467-93.
- Hennig, F. (2008). *Relação entre práticas educativas parentais e memórias de cuidados na infância*. Dissertação. Florianópolis – SC. Universidade Federal de Santa Catarina.
- Hertwig, R. Davis, J. N. & Sulloway, F. J. (2002). Parental investment: how an equity motive can produce inequality. *Psychological Bulletin*, 128(5), 728-745.
- Keller, H. (1998). Diferentes caminhos de socialização até a adolescência. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 8, 1-14.
- Keller, H. (2007). *Cultures of infancy: Heidi Keller's Contribution*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Keller, H. & Zach, U. (2002). Gender and birth order as determinants of parental behavior. *International Journal of Behavioral Development*; 20(2), 177-184.

- Knafo, A. & Plomin, R. (2006a). Parental Discipline and Affection and Children's Prosocial Behavior: Genetic and Environmental Links. *Journal of Personality and Social Psychology, 90*, 147–164.
- Knafo, A. & Plomin, R. (2006b). Prosocial Behavior From Early to Middle Childhood: Genetic and Environmental Influences on Stability and Change. *Developmental Psychology, 42*, (5), 771–786.
- Koller, S. H. (2004). Ecologia do desenvolvimento Humano. Pesquisa e interação no Brasil. In Koller, S. H. & Narvaz, G. *O Modelo bioecológico do desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lamb, M. E. (1976). Fathers: forgotten contributors to child development. *Human Development, 18*(4), 245-266.
- Lamb, M. E. (1997). Fathers and child development: an introductory overview and guide. In. M. Lamb (Org.), *The role of the father in child development*. New York: John Wiley & Sons.
- Magagnin, C. (1998). Percepção de atitudes parentais pelo filho adolescente: uma abordagem familiar sistêmica. *Aletheia, 8* - Jul./Dez. – 21-35.
- Marteleteo, L. J. (2002) O papel do tamanho das famílias na escolaridade dos jovens. *Revista Brasileira de Estudos de População, 19*, 159-177.
- Miller, A. M., & Harwood, R. L. (2001). Long-term socialization goals and the construction of infants social networks among middle class anglo and puertorican mothers. *International Journal of Behavioral Development, 25*, 450-457.

Ministério da Saúde - Governo Federal. *Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde* - Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/pndsnordeste.pdf>. <Acesso em 18 de fevereiro de 2012>.

Minuchin, P. (1985). Families and individual development: provocations from the fields of family therapy. *Child Development, 56*, 289-302.

Mussun-Miller. L. (1993). Sibling status effects: parents' perceptions of their own children. *Journal of Genetic Psychology, 154*, 189-198.

Oliveira, M. K. (1995). *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento. Um processo sócio-histórico*. São Paulo Scipione.

Oliveira, E. A., Marin, A. H., Pires, F. B., Frizzo, G. B., Ravanello, T., & Rossato, C. (2002). Estilos parentais autoritário e democrático-recíproco intergeracionais, conflito conjugal e comportamentos e internalização. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 11* (1), pp. 1-11.

Pacheco, J. T. B.; Silveira, L. M de O. B. & Schneider, A. M. de A. (2008). Estilos e práticas educativas parentais: análise da relação desses construtos sob a perspectiva dos adolescentes. *Psico, 39*, 66-73.

Peregrino, R. R. (2006). *Metas de socialização das mães em famílias de diferentes níveis sócio-econômicos*. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

Pereira, C. R. R. & Piccinini, C. A. (2007) O impacto da gestação do segundo filho na dinâmica familiar. *Estudos de Psicologia - Campinas, 24*(3), 385-395.

- Pereira, C. R. R. & Piccinini, C. A. (2011). Gestação do segundo filho: percepções maternas sobre a reação do primogênito. *Estudos de Psicologia - Campinas*, 28(1), 66-77.
- Piccinini, C. A., Pereira, C. R. R., Marin, A. H. & Lopes, R. de. C. S. (2007). O nascimento do segundo filho e as relações familiares. *Psicologia : Teoria e Pesquisa*. 23(3), 253-261.
- Prado, A. B., Piovanotti, M. R. A. & Vieira, M. L. (2007). Concepção de pais e mães sobre comportamento paterno real e ideal. *Psicologia em Estudo*, 12, 41-50.
- Reichert, C. B. (2006). *Autonomia na adolescência e sua relação com os estilos parentais*. Dissertação da mestrado não publicada, PUCRS, Porto Alegre, Brasil.
- Ribeiro, M. J. S. (2003). *Ser família: construção, implementação de um programa de educação parental*. Dissertação de mestrado não-publicada. Braga. Universidade do Minho.
- Rivera, M. & Milicic, N. (2006). Family-school alliance: perceptions, beliefs, expectatives and aspirations of parents and teachers in primary school. *Psykhe*, 15, 119-135.
- Patterson, G., Reid, J., & Dishion, T. (2002). *Antisocial boys. Comportamento anti-social*. Santo André: ESETec Editores Associados.
- Salvo, C. G. de, Silvares E. F. de M. & Toni, P. M. de (2005). Práticas educativas como forma de predição de problemas de comportamento e competência social. *Estudos de Psicologia*, 22, 187-195.
- Sampaio, I. T. A. (2007). Práticas educativas parentais, gênero e ordem de nascimento dos Filhos: Atualização. *Revista Brasileira Crescimento Desenvolvimento Humano*, 17(2), 144-152.

- Seidl-de-Moura, M. L., Lordelo, E., Vieira, M. L., Piccinini, C. A., Siqueira, J. O., Magalhães, C. M. C., Pontes, F. A. R., Salomão, N. M., & Rimoli, A. (2008). Brazilian mothers' socialization goals: Intracultural differences in seven Brazilian cities. *International Journal of Behavioral Development, 32*, 465-472.
- Setton, M. da. G. (2005). A Particularidade do processo de socialização contemporâneo. *Tempo Social:Revista de sociologia da USP, 17* (2), 225-350.
- Schulze, P., Harwood, R. L. & Schoelmerich, A. (2001). Feeding practices and expectations among middle-class Anglo and Puerto Rican mothers of 12 months old infants. *Journal of Cross-Cultural Psychology, 32*(4), 397-406.
- Siegel, S. (1975). Estatística não-paramétrica (para as ciências do comportamento). São Paulo: McGrawHill.
- Tavares, M. B. Fuchs, F. C.; Diligenti, F.; Abreu, J. R. P de; Rohde, L. A. & Fuchs, A. C. (2004). Característica de comportamento do filho único vs filho primogênito e não primogênito. *Revista Brasileira de Psiquiatria, 26*, 17-23.
- Trivers, P. L. (1972). Parental Investment and Sexual selection. In: B. Campbell (Org.). Sexual Selection and Descent of Man (pp. 136-179). Chicago: Aldine Press.
- Wagner, A. Predebon, J.; Mosmann, C.; & Verza, F. (2005). Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 21*, 181-186.
- Zamberlan, M. A. T. (2002). Interação mãe-criança: enfoques teóricos e simplificações decorrentes de estudos empíricos. *Estudos em Psicologia, 7*, 399-406.

APÊNDICES

APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO SÓCIO-DEMOGRÁFICO

Gostaríamos de conhecer algo mais acerca dos participantes deste estudo. Responda a todas as questões abaixo. Muito obrigada!

1. Idade: _____ anos
2. Sexo: () Masculino () Feminino
3. Estado Civil: () Casado/Convivente () Solteiro () Viúvo () Separado/Divorciado
4. Seu nível de Escolaridade é:

() Sem estudos	() Ensino Médio Completo
() Ensino Fundamental Incompleto	() Superior Incompleto*
() Ensino Fundamental Completo	() Superior Completo*
() Ensino Médio Incompleto	

*Indique o curso: _____ Profissão: _____

4. Idade do seu esposo/convivente _____
5. O nível de Escolaridade é do seu esposo/convivente:

() Sem estudos	() Ensino Médio Completo
() Ensino Fundamental Incompleto	() Superior Incompleto*
() Ensino Fundamental Completo	() Superior Completo*
() Ensino Médio Incompleto	

*Indique o curso: _____ Profissão: _____

6. Número de Filhos _____
7. Idade e Sexo dos Filhos _____
8. Idade da Gravidez _____
9. Você tem intenção de ter mais filhos (expresse em números) _____

10. Renda Familiar

() Menos de 1 salário mínimo	
() 1 a 3 salários mínimos	
() 4 a 6 salários mínimos	
() 7 a 11 salários mínimos	
() Mais de 11 salários mínimos	

APÊNDICE B: INVENTÁRIO DE PRÁTICAS PARENTAIS

Os pais têm diferentes maneiras de relacionarem-se e envolverem-se com seus filhos. Gostaríamos que você identificasse as situações que são mais frequentes no cotidiano de convivência com seus filhos. Considere, por exemplo, suas atividades/situações nas últimas quatro semanas e marque com um X.

	Muito Frequentemente	Frequentemente	Algumas vezes	Raramente	Nunca
Eu participo em jogos/atividades com meu filho(a).	1	2	3	4	5
Eu levo meu filho(a) para fazer compras comigo.	1	2	3	4	5
Eu levo meu filho(a) para o parque.	1	2	3	4	5
Eu vejo TV/escuto música com meu filho (a).	1	2	3	4	5
Eu levo meu filho(a) ao cinema.	1	2	3	4	5
Eu levo meu filho(a) comigo quando eu visito amigos.	1	2	3	4	5
Eu leio livros (revistas) para meu filho(a).	1	2	3	4	5
Eu converso sobre assuntos que ela/ele precisa saber sobre a vida.	1	2	3	4	5
Eu ensino meu filho(a) as matérias que ele/ela não entende na escola.	1	2	3	4	5

Eu converso com ela/ele sobre religião.	1	2	3	4	5
Eu ajudo com os deveres escolares.	1	2	3	4	5
Eu converso com meu filho(a) sobre o meu trabalho e as coisas que eu faço.	1	2	3	4	5
Eu grito com meu filho(a) quando ela/ele faz alguma coisa errada.	1	2	3	4	5
Quando só falar não é suficiente eu dou palmadas no meu filho(a).	1	2	3	4	5
As conversas com meu filho(a) terminam em discussões.	1	2	3	4	5
Eu ameaço que vou colocá-lo(a) de castigo mas termino não fazendo nada.	1	2	3	4	5
É muito difícil para mim fazer com que ele/ela me obedeça	1	2	3	4	5
Eu tenho conversas amigáveis com meu filho(a).	1	2	3	4	5
Eu converso sobre o que acontece na escola.	1	2	3	4	5
Eu abraço e beijo meu filho(a).	1	2	3	4	5

Eu digo a ele/ela o quanto eu o/a amo.	1	2	3	4	5
Eu conheço os amigos de meu filho(a).	1	2	3	4	5
Eu me sinto muito próximo de meu filho(a).	1	2	3	4	5
Só olhar para ela/ele é suficiente para eu saber se ela/ele está incomodado com alguma coisa.	1	2	3	4	5
Eu elogio meu filho(a).	1	2	3	4	5
Não importa a hora do dia eu sei onde meu filho(a) está.	1	2	3	4	5
Eu levo meu filho(a) ao médico quando é necessário.	1	2	3	4	5
Eu converso com meu esposo(a)/companheiro(a) sobre o futuro de meu filho(a).	1	2	3	4	5
Eu posso estar ocupado mas se meu filho(a) precisar de algo ele/ela sabe onde me encontrar.	1	2	3	4	5
Eu participo em jogos/atividades com meu filho(a).	1	2	3	4	5
Eu levo meu filho(a) para fazer compras comigo.	1	2	3	4	5

APÊNDICE C: ENTREVISTA SOBRE METAS DE SOCIALIZAÇÃO

Código: _____

Data: _____ / _____ / _____

1. a) Que qualidades você desejaría que seu filho(a) tivesse como adulto?
 2. a) O que você acha necessário para que ele(a) possa desenvolver essas qualidades?
b) E o que mais você acha necessário?
 3. a) Como você e seu esposo/companheiro decidem sobre a educação de seu filho(a)?
b) Como seu esposo/companheiro participa da educação de seu filho(a)?
 4. Há algo mais que você gostaria de acrescentar?

APÊNDICE D: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL
MESTRADO EM PSICOLOGIA**

Esta pesquisa é sobre Metas de Socialização e Práticas Parentais em Famílias com diferente número de filhos e está sendo desenvolvida por Karla Alves Carlos, Matrícula 110100784, aluna do Curso de Mestrado da Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Profª Drª Nádia Maria Ribeiro Salomão.

Os objetivos do estudo são:

Investigar quais são as Metas de Socialização e as Práticas Parentais Educativas em famílias com filho único e famílias com dois a três filhos através do relato materno.

Especificamente através do objetivo geral exposto, esta pesquisa pretende:

- Identificar as metas, as estratégias de socialização e práticas parentais educativas, através do relato das mães.
- Comparar as metas, as estratégias de socialização e práticas parentais educativas das famílias de filho único e famílias com dois a três filhos.
- Conhecer como pai e mãe decidem a educação de seus filhos e como o pai participa desse processo educativo através do relato das mães.

A finalidade deste trabalho é contribuir para a compreensão das mudanças atuais nas famílias e no papel da mulher na maternidade devido a uma tendência atual para a redução do número de filhos e adiamento da gravidez. Além disso este trabalho pretende contribuir academicamente e socialmente no estudo e na reflexão de como os pais tem educado seus filhos e como o número de filhos tem influenciado neste aspecto.

Solicitamos a sua colaboração para responder a um questionário sócio-demográfico, uma entrevista acerca das Metas de Socialização e um Inventário sobre Práticas Parentais, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de saúde e educação e publicar em revista científica. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos.

Os possíveis riscos para sua participação incluem apenas a possibilidade de que a senhora se sinta desconfortável com alguma questão ou com a gravação da entrevista para ser transcrita posteriormente.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto a senhora não é obrigada a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela Pesquisadora. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano.

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecida e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura da Participante da Pesquisa

Assinatura da Testemunha

João Pessoa, _____ / _____ / _____

Contato com o Pesquisador (a) Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor entrar em contato com a pesquisadora responsável.

Mestranda: Karla Alves Carlos, e-mail: kalcarlos@gmail.com

Profª Drª Nádia Maria Ribeiro Salomão nmrs@uol.com.br

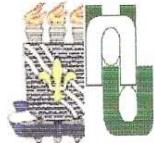
Pós-Graduação em Psicologia Social/CCHLA/UFPB, Telefone: 3216-7006

Atenciosamente,

Assinatura da Pesquisadora Responsável

Assinatura da Orientadora

ANEXO: CERTIDÃO DO COMITÊ DE ÉTICA



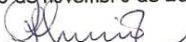
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO LAURO WANDERLEY - HULW
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES
HUMANOS - CEP

CERTIDÃO

Com base na Resolução nº 196/96 do CNS/MS que regulamenta a ética da pesquisa em seres humanos, o Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Lauro Wanderley - CEP/HULW, da Universidade Federal da Paraíba, em sua sessão realizada no dia 30/11/2010, após análise do parecer do relator, resolveu considerar APROVADO o projeto de pesquisa intitulado METAS DE SOCIALIZAÇÃO E PRÁTICAS PARENTAIS EM FAMÍLIAS COM DIFERENTES NÚMEROS DE FILHOS, Protocolo CEP/HULW nº. 664/10, Folha de Rosto nº 384629, CAAE Nº 0542.0.126.000-10 das pesquisadoras KARLA ALVES CARLOS e Profª. Drª. NÁDIA MARIA R. SALOMÃO (orientadora).

Ao final da pesquisa, solicitamos enviar ao CEP/HULW, uma cópia desta certidão e da pesquisa, em CD, para emissão da certidão para publicação científica.

João Pessoa, 30 de novembro de 2010.


Iaponira Cortez Costa de Oliveira
Coordenadora do Comitê de Ética
em Pesquisa - CEP/HULW

Profª Drª Iaponira Cortez Costa de Oliveira
Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa-HULW

Endereço: Hospital Universitário Lauro Wanderley-HULW - 4º andar. Campus I - Cidade Universitária.
Bairro: Castelo Branco - João Pessoa - PB. CEP: 58051-900 CNPJ: 24098477/007-05
Fone: (83) 32167302 — Fone/fax: (083)32167522 E-mail - cepulw@hotmail.com